Os ensaios aqui apresentados, reunidos sob o título de Fronteiras da Tradição, procuram demarcar os limites e a autenticidade de conhecimentos de ordem espiritual.

Possibilita, assim, distinguir esse ensinamento, proveniente das grandes religiões reveladas e ortodoxas, de uma série de distorções contemporâneas, esclarecendo toda uma gama de ocorrências no mundo moderno, como, por exemplo, a proliferação das seitas e as idéias de "fim do mundo" tomadas superficialmente de empréstimo à doutrinas orientais.

O termo "tradição" é aqui utilizado como sinônimo de Sophia Perennis, para designar os princípios metafísicos comuns a todas as grandes religiões do mundo, bem como a transmissão ininterrupta desses princípios por meio dos ritos, normas, leis, e hierarquias,temporais e espirituais, dessas mesmas religiões.

Olavo de Carvalho é paulista, nasceu em Campinas em 1947. Trabalhou como jornalista profissional desde os 17 anos, profissão que exerceu até 1977. Ministrou vários cursos de astrologia, sobretudo na Escola Júpiter, da qual foi um dos fundadores. Organizou e promoveu vários congressos dedicados ao estudo da astrologia e outras ciências tradicionais.

NOVA STELLA

456

Olavo de Carvalho

FRONTEIRAS DA TRADIÇÃO

Olavo de Carvalho

FRONTEIRAS DA TRADIÇÃO

coleção eixo

NOVA STELLA

FRONTEIRAS DA TRADIÇÃO

OLAVO DE CARVALHO

coleção eixo

NOVA STELLA

Capa: Carlos Roberto Zibel Costa

Revisão: Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira

Composição: Gilberto Francisco de Lima
Arte Final: Dora Pratt e Eduardo Gomes

1ª Edição 1986

Copyright by Olavo de Carvalho

Coleção Eixo
Org. Tom Genz

Nova Stella Editorial Ltda.
Av. Paulista, 2448
São Paulo SP 01310
Tel: 881-5771

Índice

Prefácio

1. Fronteiras da Tradição

2. A tradição, as ciências tradicionais e o islam

3. Seitas e religiões

4. O valor do intelecto

5. A decadência e o fim, segundo as doutrinas hindus

6. Considerações

7. Moralidade sem Deus?

Notas

PREFÁCIO

Com exceção do artigo "Moralidade sem D publicado no **Jornal da Tarde,** em 27 de feverei 1982, os trabalhos reunidos neste volume foram escritos em 1985, e têm todos a mesma finalida ele: ajudar o leitor a distinguir entre os e mentos tradicionais (isto é, provenientes das des religiões reveladas e ortodoxas) e as sua sificações contemporâneas.

O título explica-se assim pelo nosso intu demarcar, de estabelecer um muro divisório en que é a Tradição, e o que é, de outro lado, o as "trevas exteriores".

De modo geral, essa distinção é simples. os estudiosos de religiões comparadas do mundo quase nenhuma exceção, utilizam o termo "Tra como sinônimo de **Sanathana Dharma,** de **Lei Per** de **Sophia Perennis,** de **Al-Hikmat al-illahiya -** designar o número de princípios metafísicos comum a todas as grandes religiões do mund como a transmissão ininterrupta desses prin por meio dos ritos, normas, leis e hierarquias porais e espirituais, dessas mesmas religiõe ponto de vista prático, o critério de reconhec é igualmente simples: considera-se "tradici em princípio e como regra geral, toda doutr prática que seja aceita como ortodoxa e revela qualquer dessas religiões -- e, inversamente, dera-se "não-tradicional", ou, em certos caso tremos, "antitradicional", a qualquer ensiname prática que não seja ortodoxa por nenhuma dela

Como corolário dessa definição, podemos c ender que, de um lado, a mistura ou fusão de d nas e práticas de várias religiões num amálg

pretensões "universalistas" não é ortodoxo para nenhuma delas, e portanto só pode ser dito "tradicional" no mesmo sentido em que uma caricatura, para ser caricatura, deve ter alguma longínqua semelhança com a realidade. O respeito à **forma exterior** e à integridade de **cada** ortodoxia é uma exigência **sine qua non** da verdadeira universalidade tradicional. Por outro lado, a "prova dos nove" de qualquer princípio universal e autenticamente tradicional é justamente a sua possibilidade de ser transposto nos termos, moldes, parâmetros e símbolos de todas e de cada uma das grandes religiões, **sem ferir a ortodoxia de nenhuma e nem muito menos as leis da lógica.** E esta exigência --- que constitui a pedra-de-toque para distinguir o joio do trigo -- é tão difícil e rara de atender, que se identifica mesmo àquilo que na tradição cristã se denomina o "dom das línguas", ou a capacidade de falar a cada um segundo a linguagem que lhe é própria, o que evidentemente está nos antípodas de um sarapatel "universalista" e demagógico ao gosto dos pseudo gurus em geral.

O termo, portanto, evidentemente não designa, nem pode designar, nenhuma organização, sociedade secreta, escola iniciática ou seita em particular, mas, justamente ao contrário, aquilo que é o mais ilimitado e universal que se possa conceber.

De qualquer modo, se a distinção em si mesma é fácil de estabelecer, muitas pessoas parecem encontrar dificuldade em aplicá-la aos muitos casos concretos e particulares que vão surgindo, neste cada vez mais colorido supermercado da pseudo-espiritualidade contemporânea, motivo pelo qual podem cair em erros trágicos, mesmo estando informadas do que seja e do que não seja, em princípio, Tradição.

São Paulo, fevereiro de 1986

Olavo de Carvalho

I

Fronteiras da tradição*

1

Quem "está" na Tradição

Para que não se confunda a Tradição com qualq
tipo de "organização", "escola", "corrente de o
nião" ou coisa assim, nem, por outro lado, se ima
ne que ela seja apenas um vago "espírito" ou "es
lo", é preciso fazer desde logo algumas observaçõ

A Lei exotérica é o "limite exterior" da Tra
ção. Quem tem uma religião e reconhece os seus m
damentos, cumprindo-os seja ao nível do "mínimo
gal", seja acima, conforme suas capacidades, **já
tá** na Tradição. Quem não tem uma religião, quem
está submetido voluntariamente a uma Lei revela
não está em Tradição nenhuma, ainda que alegue p
tencer a tal ou qual "organização" e ainda que
organização se afirme até mesmo, com demencial p
tensão, "o Diretório Central do Cosmos".

Por outro lado, é necessário distinguir entr
conceito amplo de "Tradição" e o conceito mais r
trito de "via espiritual". Assim como um país não
esgota na linha das suas fronteiras exteriores,
tem um território interior, por sua vez dividido
fronteiras internas em regiões, províncias, ci

---

*Tópicos de uma conferência pronunciada em 2
dezembro de 1985 na Editora Astrocientia, do Rio
Janeiro.

des, etc., igualmente a Tradição, dentro das suas fronteiras, tem muitos territórios distintos, com fronteiras ora mais, ora menos claramente delimitadas -- conforme a Tradição de que se trate --, e que vão desde as regiões mais exteriores até as mais interiores. A região mais exterior é o cumprimento puro e simples da norma social ditada pela Lei (o que inclui a execução pelo menos dos gestos exteriores que compõem os ritos obrigatórios); a mais interior é a realização -- teórica e efetiva -- do sentido último e universal dessa Lei, a qual patenteia, através do homem que atinge essa realização, sua identidade com a constituição mesma do real e com a Norma que estatui e rege o Cosmos. (Claro que pessoas que não atingiram a plena realização espiritual podem -- e devem -- possuir algum vislumbre dessa identidade entre a Lei revelada e a estrutura do real, e também é claro que a ausência de qualquer pressentimento nesse sentido seria uma marca de profunda irreligiosidade; mas, antes de percorrer uma via espiritual, ninguém tem essa consciência exceto em modo "teórico" e "virtual".)

Para o homem primitivo, que desconhecia as limitações que o processo de individuação veio a impor sobre a inteligência humana nas gerações subsequentes, não havia necessidade de uma Lei revelada e escrita, porque eles tinham a compreensão imediata e intuitiva da Lei natural, que é por si mesma a primeira das revelações, e da qual as Leis reveladas posteriores não são, por assim dizer, senão versões simplificadas. O "limite exterior" da Tradição coincidia então com os limites da natureza, ou dito de outro modo, com os limites intrínsecos da possibilidade humana em geral.

A progressiva degradação da inteligência humana, criando hiatos e dissonâncias entre a mente subjetiva e a verdade objetiva, criou a necessidade de compensações periódicas, constituídas pelas sucessivas Leis reveladas. Estes fixavam limites exteriores, mais restritos que os da simples lei natural, e por isto mesmo mais fáceis de apreender e cumprir. O

cumprimento destas leis favorecia o homem de maneiras: primeiro, que elas constituíam um re e por isto mesmo um símbolo, das leis natura assim sua obediência e estudo podia restaurar longo do tempo, a intuição originária das leis rais (que por sua vez, sendo um símbolo das qua des divinas, levavam o homem ao conhecimento melhor: recordação -- de Deus); caso não houv para este ou aquele indivíduo, a ocasião de co tar essa restauração interior, o cumprimento da ma legal pelo menos o mantinha dentro dos limit comunidade, podendo portanto beneficiar-se, ap morte, das prerrogativas originárias readqui pelos membros mais capazes, das quais eles pa pavam então a título de herança coletiva. A pri destas duas perspectivas é a que conduz à cl "libertação", e constitui o **esoterismo**. A se conduz ao que as religões denominam a "salvaç alma após a morte" e constitui o **exoterismo**.

Deste modo, percebe-se que as Leis rev constituem manifestação da Misericórdia, dest a compensar a perda da intuição direta das naturais.

É uma curiosa aberração da nossa époc justamente as pessoas mais insensíveis às leis rais sejam as que se proclamam mais "superior toda Lei revelada, quando na verdade são as qu necessitam dela.

* * *

Assim, se quem está numa religião já es Tradição, quem dentro dessa Tradição, encon caminho espiritual -- um esoterismo -- está dentro", e quem chegue à suprema realização es centro" dessa Tradição, o qual coincide então centro da Tradição universal e primordial.

Chegar ao esoterismo sem um exoterismo impossível quanto chegar ao centro de um pa penetrar as suas fronteiras e percorrer seu te rio. Se alguém desligado de um exoterismo t

acaso a felicidade de contactar um mestre espiritual autêntico, a primeira coisa que este vai fazer é mandá-lo aprender e praticar o exoterismo:

"É um princípio geral do Sufismo que um firme embasamento no exoterismo é indispensável como preparação no caminho esotérico; e, na Tariqah Darqáwi..., todos os noviços eram obrigados a decorar o **Guia dos Elementos Essenciais do Conhecimento Religioso** (NB - famoso catecismo islâmico em versos), de Ibn 'Ashir, como meio de assegurar que possuíam o mínimo necessário de instrução religiosa".(1)

2

Os Perigos da Trivialidade

A indiferença e a trivialidade -- que dão a tônica do "sentimento do mundo" na sociedade moderna -- levam a só poder conceber Deus como o "totalmente outro" (o **ganz andere** de Rudolf Otto). Pois, dissolvido todo senso do sagrado, e ausente toda marca de sacralidade na vida cotidiana, Deus só pode ser imaginado como o ausente, o estranho, em última instância o esquisito e o absurdo. Esta é a origem do apelo sedutor que as seitas monstruosas exercem sobre a alma cansada e gasta dos nossos contemporâneos. Na medida em que se opõe à trivialidade e à opressividade plana e rasa da indiferença, introduzindo nela um corte que abre para uma verticalidade "abissal",o hediondo pode passar por uma **imago Dei.** Só que obviamente é uma imagem constituída de privação e carência -- privação de sentido, carência de realidade e poder criador -- e portanto uma imagem invertida, literalmente "satânica". Ela tira da trivialidade para levar ao nada, que é a mais monumental das ilusões. O nada e o absoluto só têm uma coisa em comum: é que são igualmente inimagináveis. A imaginação é o "lugar geométrico" da coincidência entre o nada e o Absoluto, o que é o mesmo que dizer

que essa coincidência só existe na imagina mais em parte alguma.

A única maneira de reencontrar Deus é rec o senso do sagrado, que é o senso do maravi que é o senso de eternidade e imutabilidade ac toda movimentação mental e cósmica.

Os ritos e a arte sacra rompem a trivial mas não para abrir para o abismo do nada, e si introduzir, nos intervalos de fluxo cósmico, cintilantes que recordam a imutabilidade do cósmico. Esses pontos são como os rubis de um gio, que articulam o movimento sem participar

3

Tradição e Tradições

Existe uma Tradição Primordial, univer eterna, que é o depósito da sabedoria reve **Existe** a manifestação humana e terrestre dess dição, e portanto uma organização tradicional representa. **Existe** um centro geográfico que é calização dessa organização em algum ponto da em cada ciclo temporal.

Tudo isso é inquestionável.

Mas: as tradições em particular, historic existentes, não provêm desse ponto da Terra, diretamente de Deus, que é a Origem delas **e** d dição Primordial igualmente. Aliás as tradiçõe são outra coisa senão a mesma Tradição prim ressurgida em novas formas, porém em cada igualmente -- e novamente -- íntegra e origi Considerada isoladamente das suas formas histó que são as tradições, a Tradição Primordial **manifesta** historicamente, pela simples razão d ela não é **uma** (**mais** uma) tradição, que apenas vesse acima das demais tradições, e sim é o das tradições, o padrão da sua tradicionalid elas, ao contrário, **são** as suas manifestações ricas, forjadas segundo esse molde.

O recurso às "idéias", "formas" ou "arquétipos" platônicos pode dar conta desta questão. A "triangularidade" não se manifesta senão através de triângulos concretos e particulares; mas o conceito (ou o esquema mental) de triângulo, que não é em si mesmo nem triangularidade nem triângulo, representa, na mente, a triangularidade. Todos os triângulos que o homem faz são forjados no molde do conceito de triângulo, sem que se possa dizer que ele os produza, ou que provenham dele. Por esta analogia, o homem tem no seu intelecto o arquétipo da triangularidade, na sua mente o conceito de triângulo, na sua mão a habilidade de desenhar triângulos; e o intelecto representa aqui o Logos divino, a mente, a Tradição primordial e a mão, as tradições em particular.

Se a Tradição Primordial se manifestasse exteriormente, ela só poderia fazê-lo sob a forma de "mais uma" tradição, assim como só é possível desenhar "um" triângulo e não "o" triângulo em si mesmo, embora "cada" triângulo seja novamente, e a seu modo, "o" triângulo. Ela nunca poderia manifestar-se sob a forma de uma "supra-tradição" universal, porque o universo em si mesmo não tem forma, exceto as formas particulares que o representam, porque toda forma é particular por definição. A "manifestação" da Tradição Primordial, com uma forma própria e independente das demais, é um contra-senso puro e simples, que vai contra todas as condições de espaço, tempo e número que definem o "nosso mundo", e portanto essa manifestação não ocorrerá antes do **término** deste mundo, o qual por sua vez deverá ser precedido justamente pela "Grande Paródia" de Tradição primordial, que será o Reino do Anticristo.

Portanto, a única "forma" sob a qual é possível encontrar a Tradição Primordial é a forma das Tradições historicamente existentes. Quem quer que se apresente como porta-voz **da** Tradição primordial sem ser por intermédio dessas tradições, já está encenando a paródia.

Antitradição e Paródia

Quando se fala de "organizações antitra
nais", é preciso resguardar-se de imaginar que
combatam a Tradição. Elas não combatem: elas c
Não produzem uma refutação. Produzem um simul
uma paródia.

Quanto aos representantes da Tradição, as
nizações antitradicionais só os combatem na
em que eles ameaçam denunciar o simulacro e f
a paródia, mas não na medida em que se lim
expor dados de conhecimento tradicionais, d
aliás elas necessitam para com eles compor seu
lacro, motivo pelo qual seu combate a tais rep
tantes é dúbio e entrecortado de cortesias e
ções. Para isto, freqentemente essas organiz
e seus comandados se prestam a serviços menor
favor da Tradição, e inclusive à divulgação d
celas reais de conhecimentos tradicionais, de
prestígio e fraseologia procuram assim se apro

Ao copiar, a antitradição não desfigura a
dição enquanto tal -- que é imutável e inati
sob todos os aspectos -- mas a sua aparência p
um grupo humano determinado, o qual fica enti
possibilitado de chegar à Tradição verdadeir
quanto não se livrar das malhas sedutoras e g
tas de um simulacro que pode ser inteiramente
símil, mesmo para pessoas informadas. (O que
significa que ninguém se livra dos simulacros
suas próprias forças e sem a ajuda da Tradiçã
ma, assim como se distingue o ouro falso tão-s
pela comparação com o verdadeiro.)

A verossimilhança dos simulacros aumenta
rém, na proporção mesma em que, aproximand
término do presente ciclo, a Tradição dá a p
parcelas cada vez maiores do seu tesouro de co
mentos. Estes tanto podem servir de marcos ind
vos para levar as pessoas à Tradição, quanto d
téria prima" para novas falsificações e engodo

simples migalha de conhecimentos tradicionais, atirada ao solo, borbulhante de fertilidade, da confusão contemporânea, dá para produzir uma variedade imensa de pseudo-ensinamentos e pseudo-escolas, que rebaixam esses conhecimentos em qualidade (engrossando-os e literalizando materialisticamente o seu sentido ao mesmo tempo em que procuram dar ares de coisa sublime e esotérica a banalidades e contrasensos) e os multiplicam em quantidade de reproduções, vendendo, aos curiosos, "conhecimentos secretos" que eles poderiam adquirir pela simples leitura de livros de domínio público.

Por exemplo, dezenas de organizações que hoje se dizem provenientes de um misterioso "centro" iniciático da Ásia Central não são mais do que "industrializações" de dados extraídos de três livros tradicionais: **Mission de l'Inde** (1910), de Saint-Yves d'Alveydre; **Bestas, Homens e Deuses** (1924), de Ferdinand Ossendowski, e sobretudo **Le Roi du Monde** (1927), de René Guénon.

Isto não impede que em determinados casos suceda o contrário, isto é, que tendo determinadas pessoas passado por organizações tradicionais e retirado delas alguns fragmentos "comercializáveis", tais organizações decidam publicar a explicação integral que permita reincorporar essas parcelas num quadro coerente, de modo a evitar novas confusões. Mas tais explicações, por sua vez, põem em circulação novos dados, que se prestarão a novas falsificações, e assim por diante, o que torna cada vez mais difícil, para quem não está escorado dentro de uma religião ortodoxa e tradicional, distinguir os caminhos falsos e os verdadeiros.

II

A tradição, as ciências tradicionais e o is

1

Tradição e Antitradição

A abordagem do conceito -- e da realidad
Tradição pode começar pela tomada de consciê
mistério da inteligência humana. Nossa hum
atual está tão derrotada e deprimida, tão de
embotada, que a maravilha desse mistério ger
lhe escapa.

A inteligência é ao mesmo tempo misté
subjetividade e certeza de um conhecimento ob
Ela escapa à contradição entre o "eu" e o "
ela não está propriamente "dentro" nem propr
"fora" de nós; se seu lugar de aparição é a
subjetiva, por outro lado seu alcance, enquan
de um conhecimento objetivo, vai muito al
limites do "mental"; por exemplo, podemos c
pela inteligência o infinito, que não podemo
presentar" mentalmente de maneira alguma. A
gência "aparece" na alma, mas não "está" na
ela "vê" o mundo e portanto não "está" no mun
dá forma, sentido e unidade às nossas percepç
mundo objetivo e subjetivo, e assim é transc
e soberana.

---

* Resumos de três conferências pronunciadas n
tora Astrocientia, do Rio de Janeiro, em 5, 6
setembro de 1985. A exposição abrangeu muitos
volvimentos orais que não são reproduzidos aq

A inteligência não se identifica com nenhuma das funções intelectivas -- imaginação, memória, raciocínio, sensibilidade, etc. -- que a veiculam e expressam; ela é a vida e o sentido dessas faculdades, mas não se confunde com elas.

Por causa do caráter transcendente da inteligência, o homem sente-se só no universo, não tendo com quem comparar-se ou dialogar. O fenômeno recente da chamada "planetarização da cultura" fez com que a consciência desse caráter transcendente, único e solitário da nossa espécie tendesse a emergir, forçasse a passagem exigindo um reconhecimento claro. No fundo, todo o interesse atual pelos fenômenos da psique é uma busca da inteligência; apenas a humanidade atual não conseguiu ainda acertar o alvo, e ainda confunde a inteligência com as funções intelectivas. Poucas pessoas têm a condição para o pleno reconhecimento da inteligência e para a plena realização das consequências que esse reconhecimento implica. Mas estas poucas pessoas "representam", por assim dizer a humanidade, e se elas assumirem a inteligência isto bastará para que a humanidade reencontre, mais dia, menos dia, seu caminho.

Transcendendo a todos os fenômenos do universo, a inteligência não tem "causa" nem "origem" em parte alguma. Ela parece surgir de fora, de cima, desde o Oceano infinito da Possibilidade, que envolve o mundo como o oceano envolve os continentes. Como o espaço e o tempo são apenas formas assumidas pela inteligência, é inútil procurar para a inteligência uma origem no espaço ou no tempo. Ela tem origem na Possibilidade, no Infinito, que é sempre presente em toda parte, inalterável e inesgotável.

A origem da inteligência é **agora.**

O revigoramento periódico do contato entre a inteligência e o infinito, que é a sua origem, denomina-se **revelação,** quando desse contato surgem um rito e uma norma destinada a possibilitar esse contato para um grande número de pessoas; denomina-se **intuição intelectual** quando ocorre para um indivíduo em particular. A revelação fornece os meios para

que os indivíduos atinjam, quando qualificados isso, a intuição intelectual. Para os que não essa qualificação, ela fornece a norma e o en mento para que se aproximem **o quanto possível** limite; mesmo que essa aproximação seja apenas bólica, e indireta, através da participação pessoas na comunidade religiosa, ela serve dar às suas vidas o caráter de translucidez at do qual o sentido da existência se torna sufici mente próximo mesmo dos atos mais simples da cotidiana, como se observa em qualquer civili tradicional.

Não há nem religião nem esoterismo de es alguma sem uma revelação.

A revelação origina ao mesmo tempo as téc e disciplinas que conduzem à intuição, e as nor leis que conduzem à vivenciação simbólica e ind do sentido. A estas duas instâncias dá-se o nom esoterismo e exoterismo, respectivamente.

A possibilidade permanente de efetivar uma sas duas formas de vida espiritual denomina-se **dição.**

Toda tradição remonta a uma revelação.

A revelação pode vir sob a forma de uma p ou Mensageiro, como Cristo ou Buda, ou sob a de um texto, como **Os Vedas,** a **Torah** ou o **Corão.**

Cada Tradição é um corpo integral e íntegritos e normas, que residem nos "pontos de ju entre a inteligência e o infinito. **Esse corp pode ser desmembrado.** Cada Tradição é um todo pleto e auto-suficiente. Pode-se compará-las não fundí-las.

Também não se pode separar esoterismo e e rismo, porque eles são a vida e o corpo, respec mente, de uma Tradição.

Cada tradição é constituída de três elem imprescindíveis:

a) Uma **Doutrina** sobre o infinito, sobre o Absoluto e o que é Relativo.

b) Um corpo de **Ritos** que ajudam o homem a incorporar a verdade da doutrina na sua forma de existência, de modo a harmonizar o **conhecimento** e o **ser.**

c) Um corpo de **Símbolos** (por exemplo, na arte sacra) que ajudam a mente a chegar à intelecção das verdades veiculadas pela Doutrina e corporificadas pelos ritos. As chamadas **ciências tradicionais,** como a alquimia, a astrologia, bem como as artes sacras, -- arquitetura, pintura, etc. -- fazem parte do corpo de símbolos de uma tradição. A astrologia, tal como a conhecemos hoje, tem origem na Tradição helênica -- alexandrina --, mas seu simbolismo, por sua universalidade, foi bem assimilado pelo esoterismo cristão e muçulmano, de modo que seu estudo é um bom instrumento auxiliar para quem deseje penetrar no universo dessas tradições.

Apenas é preciso advertir que existe também uma pseudo-tradição, ou várias pseudo-tradições. Podemos reconhecê-las facilmente pelo fato de que dispensam todo exoterismo e se pretendem superiores a todas as religiões, às quais, no entanto, elas imitam e das quais roubam elementos simbólicos e rituais. Face a estas contrafações, geralmente grotescas, caracterizadas pela ausência total de beleza e de inteligibilidade, é preciso saber que o próprio senso estético de cada pessoa é um guia seguro para separar o joio do trigo. Mas, se querem realmente seguir uma via de conhecimento espiritual, comecem por integrar-se numa religião ortodoxa. Atualmente pode-se seguir uma destas:

a) cristianismo ortodoxo;
b) budismo (fujam de quem prometa um "zen" sem um exoterismo budista)
c) judaísmo
d) Islam.

As ciências tradicionais e a astrologia espiritual

Muitas das ciências tradicionais -- como trologia particularmente -- só chegaram até nó uma forma fragmentária. Apesar da incontestáve lidade desta ciência, as lacunas no edifício q compõe abrem margem a incongruências e contradi e, assim, nenhuma das tentativas atuais de for uma teoria astrológica -- como as de Daniel Ve Raymond Abellio, Arnold Keyserling e tantos o --é isenta de defeitos que a tornam inacei desde um ponto de vista lógico. No mínimo, toda uma impressão geral de incompletude e deformi que é incompátivel com uma ciência toda consti de harmcnia, e na qual Platão enxergava o re mesmo da inteligência divina estampado nos céus

A razão dessa incompletude, no entanto reside na falta de informações, pois os elem que nos chegaram da astrologia helênica, babilô chinesa e inclusive egípcia, são mais do que su entes para podermos reconstituir na sua quase lidade o corpo dessa ciência tal como era conh e praticada na antiguidade. E, ademais, nem falar de reconstituição, pois este termo só se ca a ciências extintas, ou em desuso durante tempo, o que não é o caso da astrologia, ao men Oriente, pois ela continua a ser praticada ini ruptamente na Índia e nos países islâmicos, em des rigcrosamente tradicionais em ambos os cas ao menos no que diz respeito à astrologia hind textos, traduzidos em inglês, são abundant Ocidente.

O que nos falta na astrologia não é inform é uma ccmpreensão verdadeira do intuito e do dessa ciência. Sabemos muito sobre a sua consi cia interna, mas ignoramos o seu contorno, o lugar nc sistema das ciências espirituais trad

nais, e ignoramos isto pela simples razão de que, não possuindo mais uma tradição viva e completa, desconhecemos totalmente a existência -- quanto mais a consistência -- desse sistema.

Se as ciências atuais organizam-se segundo as conveniências de uma técnica destinada ao domínio material do mundo (incluindo-se nisto as técnicas psicológicas e de domínio político), o sistema tradicional das ciências tem no seu topo, e como critério hierárquico único e exclusivo, o conceito e a meta da realização espiritual. Isto quer dizer que o que diferencia as ciências umas das outras é, neste sistema, a maneira diferente de enfocarem o problema da realização espiritual, e que aquilo que as dispõe hierarquicamente é a sua maior ou menor proximidade dessa meta. Em outros termos: uma ciência é tida como superior na medida em que é mais direto o conhecimento de Deus que ela oferece, e como inferior, na medida em que esse conhecimento é mais indireto, simbólico e alusivo. Por exemplo, a ciência dos ritos é superior a uma ciência natural, porque o rito, ao menos em última instância, visa a um conhecimento direto de Deus, ao passo que o conhecimento da natureza também leva a Deus, mas por intermédio do simbolismo, e de uma maneira inteiramente teórica e virtual. Por outro lado, uma ciência puramente intelectual e teórica da natureza, como a astrologia, é superior a uma ciência prática e operativa como a arquitetura ou a arte da guerra, porque a primeira está mais próxima da atitude de compreensão pura e contemplativa, que é mais aparentada ao conhecimento de Deus na mística.

Dentro desse sistema, a única prática que interessa é a prática espiritual que conduza ao pleno conhecimento da verdade e à realização efetiva do dever inerente ao estado humano.

O que falta para uma compreensão da astrologia é portanto um conhecimento das suas relações com a mística, isto é, com a técnica da realização espiritual. Pois a astrologia, quaisquer que sejam suas aplicações práticas no campo da pura utilidade mate-

rial (e as aplicações psicológicas e psicoter
cas devem ser incluídas nesta categoria tanto
as aplicações econômicas ou sociais), é uma
de índole teórica, e como tal não tem justi
em si mesma, e sim somente nas aplicações e
sões que possa ter no campo da realização
tual. Note-se que, em todas as civilizações q
suíram uma astrologia, ela serviu sempre a es
em primeiro lugar, como se vê aliás pelo alto
que os grandes místicos como Ibn 'Araby,
Sohravardi e tantos outros tinham pela ast
espiritual, paralelamente a um desprezo o
menos a uma indiferença para com as aplicaçõe
natórias, médicas, etc., a que essa ciênci
ocasiãc.

Ora, somente para dar uma idéia longín
que possa ser essa aplicação espiritual da a
gia, podemos recorrer à correspondência trad
entre planetas, funções cognitivas e planos
lidade.

Na astrologia tradicional, tal como se
exemplo em Ibn 'Araby, mas também em muitos
tradicionais ocidentais, cada planeta represe
função cognitiva -- em termos escolásticos, u
culdade da alma" -- e por outro lado um p
nível do cosmos.

A cosmologia tradicional, da qual a ast
é um resumo simbólico, enxerga o cosmos c
sistema de planos, ou de esferas concêntrica
correta percepção (no sentido puramente intel
interior, da palavra percepção) depende do
concentração, de santidade e de penetração i
tual de cada qual. **Grosso modo,** os três pri
planos são os do espírito, da alma e da cor
dade. O primeiro contém o segundo, que contém
ceiro. Há muitas divisões intermediárias. Pa
mente, a alma humana também é composta de
(alma intelectiva, alma volitiva, etc.), ab
umas pelas outras.

A cada uma dessas esferas, simultaneamente do macrocosmo e do microcosmo, corresponde uma esfera ou órbita planetária.

No esquema planetário, o astro mais importante -- o Sol -- corresponde, no microcosmo humano, à faculdade de intuiçao, ou inteligência, e no macrocosmo ele representa o Logos, ou Inteligência Divina. Os demais astros representam, no homem, faculdades subsidiárias que, como vimos na conferência anterior, dependem da inteligência e a veiculam ou expressam.

Na simbólica tradicional, as viagens celestes, como a de Dante na **Divina Comédia**, simbolizam realizações espirituais, e a travessia de cada esfera planetária simboliza, de um lado, a ascensão a um nível cósmico de maior universalidade, e, de outro, a absorção de mais uma faculdade cognitiva na intuição ou inteligência. Esta absorção faz com que a faculdade em questão perca seu ranço subjetivo e condicionado e, identificando-se a inteligência que é sua raiz e fonte, passe a veicular a verdade de maneira mais fiel e direta.

É evidente, portanto, que o simbolismo de cada esfera planetária só pode ser corretamente compreendido dentro do processo de realização espiritual de cada qual, e na medida dessa realização. Em outros termos: só compreendemos ou abarcamos aquelas esferas que já tenhamos atravessado, ao menos virtualmente, o que depende da nossa possibilidade -- ou vocação -- de realização espiritual.

O estudo da astrologia, que em si mesmo é muito útil para essa finalidade, fica portanto truncado e insatisfatório enquanto ela não for cumprida, ao menos em certa medida mínima. Neste sentido, a astrologia é propriamente uma ciência dita esotérica, na medida em que implica uma realização espiritual.

* * *

Somente para encerrar, e voltando ao assu
ontem, é preciso advertir que os ritos exot
são parte integrante desse processo de real
espiritual, ao ponto de que em grande parte do
sos eles são a base mesma sobre a qual inci
ensino da doutrina e até mesmo uma eventual i
ção. Eles são, portanto, absolutamente indis
veis, na totalidade dos casos.

No que diz respeito ao efeito dos ritos
ricos, um efeito que eles podem e devem ter é
mente o de abrir acesso a um conhecimento esot
Só que a maior parte dos fiéis não se lemb
pedir exatamente isso a Deus -- limitando-se a
solução de males humanos corriqueiros e de
para pedir conhecimentos esotéricos ao pr
pseudo-guru ou pseudo-shêikh que apareça, se
lhes ocorra utilizar-se do poder efetivo d
regular e normal, estabelecido por Deus mesmo,
a prece. E, no entanto, a promessa de Deus é c
solene: "Batei, e vos abrirão a porta; pedi,
será dado." E Deus é o Firme, o Mantenedor, c
ciente.

3

O Islam e o Sufismo

O ingresso no Islam não se faz, como em
religiões, por um rito de agregação, mas
simples declaração pública, na qual o novo mu
atesta sua crença nos dois princípios de b
constituem o Islam:

لا اله الا الله محمد رسول الله

lâ iláha íla Alláh, Mohammed rassúl Ulláh, q
zer, "não há deus exceto Deus, e Mohammed é o
geiro de Deus".

Esta dupla fórmula contém, de modo resumido, todo o Islam e todo o Sufismo. O primeiro ato do novo muçulmano anuncia, assim o coroamento da religião, que é a conquista do estado final do Sufi, denominado a Identidade Suprema.

A primeira parte da fórmula expressa a Doutrina fundamental da Unidade de Deus e da Unicidade da Existência. Tal doutrina pode ser resumida da seguinte maneira:

"Ser" e "unidade" são sinônimos. Ser, é ser um. Todo ser, perdida a unidade, não existe mais enquanto tal. Portanto, a unidade é o princípio mesmo da coesão dos seres, o princípio que sustenta sua identidade diferenciada e sua existência. Ora, pelo fato mesmo de que a identidade dos seres é diferenciada, isto é, de que a identidade de cada qual só é aquilo que é na medida em que ela se diferencia dos outros, pode-se concluir que a unidade dos entes não é uma unidade absoluta, porém relativa. Uma unidade absoluta excluiria qualquer alteridade e qualquer diferenciação. Portanto, os seres só existem na medida em que têm unidade, mas, como esta unidade é precária e relativa, também o é a sua própria existência. É forçoso admitir, para cima de todas as unidades relativas, uma unidade indivisa, ao mesmo tempo simples e abrangente, da qual todas as unidades relativas são apenas projeções ou imagens parciais; do mesmo modo, acima de todas as existências particulares está a Existência enquanto tal. À Unidade enquanto tal, transcendente e imanente, origem, sustentáculo e meta de todas as unidades parciais, denomina-se Deus, **Al-Lah**. À manifestação desse Deus em todas as formas de unidades parciais e relativas denomina-se Existência.

A primeira parte da fórmula é portanto uma afirmação de ordem metafísica, que atesta a Unidade do Princípio e a Unicidade da Existência.

É certo que, além desse sentido mais universal, ela pode ter de fato uma série indefinida de outros níveis de significado, mais particularizados, que constituem outras tantas aplicações desse princípio a domínios menores da realidade.

A segunda parte da fórmula -- **Mohammed ... Ulláh** -- torna-se mais clara quando, pela et... gia, se sabe que o nome **Mohammed** é um deriva... verbo **Hâmada,** que significa "louvar", "pr... "elogiar", "reconhecer um mérito".

Mohammed pode ser traduzido sumariament... "digno de louvor", "meritório". Por outro lado... nome é também um certo arranjo feito com as ... letras que compõem a palavra **Adam,** "Adão". De... que Mohammed é o próprio Homem, o Homem consi... na sua universalidade, como arquétipo e mode... todos os indivíduos que compõem a nossa es... Portanto, o Homem, considerado na sua universa... -- não enquanto indivíduo separado, que é ... deficiente e erradio --, é um ente de elevado ... to, e este grande mérito da espécie humana e ... de todas as outras espécies animais, veget... minerais, e em face de todo o Cosmos com toda ... imensa variedade de modalidades e planos de ex... cia, é um "mensageiro" de Deus, um "sinal da ... dade da existência encravado, como um pino ... eixo, no meio da Roda cósmica.

O Homem é o protótipo e padrão da unida... próprio Cosmos, e, para as outras espécies de ... ele representa a figura mesma de Deus sobre a ... Por isto diz-se no Islam que o Homem é o "vi... gente" **(khalifat)** de Deus na Terra, encarrega... zelar pela ordem cósmica e pelo bem-estar de ... os entes.

O homem realiza isso pelo exercício da... faculdades que ele tem em comum com o próprio ... inteligência, vontade e linguagem.

Sua inteligência pode alçar-se acima da ... ção biológica e subjetiva, alcançando a objet... de e a universalidade. Sua vontade pode optar ... mente, vencendo os condicionamentos da própri... dição terrestre e individual, afirmando no se... toda existência humana individual a prese... Homem Universal. Finalmente, sua linguagem ... elevar-se acima da mera auto-expressão individ...

que, no fim das contas, é apenas biológica -- para tornar-se uma expressão da Universalidade e da Verdade, portanto do próprio Deus.

Daí que o homem, na concepção islâmica, esteja na Terra para manifestar essas três qualidades: sua inteligência deve buscar incessantemente o universal, sua vontade deve optar pelo universal e sua palavra deve, pela prece, expressar simbolicamente o universal. A existência humana tem por finalidade: (a) alcançar o conhecimento do universal, pelo estudo da Doutrina; (b) libertar a vontade dos condicionamentos biológicos, ambientais, animais, etc., fazendo dela um instrumento dócil e um veículo translúcido para a aparição da Verdade; (c) pronunciar a Palavra Sagrada, para os outros seres humanos bem como para todos os outros entes capazes de ouvir (animais, plantas, gênios ou **djínn**, etc.), envolvendo todo o Cosmos na imensa Liturgia que, manifestando a Verdade, instaura e reinstaura continuamente a Existência em toda parte e para todos os seres. A Prece, que é a única forma litúrgica do Islam, tem assim uma função instituidora e reequilibrante não só para o meio humano, mas para todos os seres. A sensibilidade e receptividade que até os animais mostram ao ouvirem os cânticos do Corão é um fenômeno continuamente atestado por todos os observadores desde o surgimento do Islam.

Certamente, para o indivíduo humano, o poder ordenante e equilibrante da prece islâmica é uma experiência que milhões de pessoas em todo o mundo confirmam diariamente.

A liturgia islâmica é composta de cinco ciclos diários de oração, nos quais se recitam trechos do Corão e se executam certos gestos rituais que constituem ao seu próprio nível uma escrita cósmica, que confirma e reverbera no plano do próprio corpo o eco das palavras entoadas. O cumprimento das normas islâmicas em todos os setores da vida -- pois há uma regra islâmica para tudo, desde a religião até o comércio, desde as artes até a vida conjugal, desde o governo até a higiene corporal -- vai, aos poucos,

e na medida do aprendizado de cada qual, am
em círculos concêntricos a irradiação daquele
de influência espiritual contido nas cinco
diárias, até que toda a vida, em todos os se
pectos, se torne uma prece contínua e irradi
Islam não reconhece a existência de um domíni
fano independente, e busca a sacralização d
os gestos e de todos os domínios da existênci
somente isto é compatível com a alta digni
posição humana no Cosmos.

O Sufismo é a mística islâmica, ou o ap
mento intelectual e espiritual do Islam, para
les que sejam capazes de realizá-lo.

A base da prática sufi é a mesma da reli
geral, isto é, a prece, a recitação. O Sufism
tanto, não pode ser praticado por quem não
integrado no ciclo litúrgico e regulamentar
lam, pois este ciclo é, ele mesmo, a base de
as práticas sufis. As duas diferenças que pod
assinalar entre a prática geral da religião e
tica sufi é que esta última, primeiro, req
compreensão doutrinal mais profunda do sim
cosmológico e metafísico das leis e das prece
preensão que pode ser dispensada no caso da
dos fiéis; e que, em segundo lugar, o sufism
a reduzir e simplificar as práticas, ao mesmo
que aumenta sua intensidade qualitativa e sua
nuidade no tempo. A tendência geral do su
para realçar a importância da chamada prece q
sencial -- a jaculatória ou **dhikr** que é a in
interminável do Nome de Deus (tal como se
cristianismo ortodoxo com a "Prece Perpétua")
não dispensa evidentemente o praticante de
todas as regras islâmicas que também são impo
comum dos crentes. A marca registrada do pse
fismo -- já denunciada ao longo dos séculos p
tres como Ibn 'Araby, Rumi, Ahmed el 'Alawy e
outros -- consiste justamente em procurar des
sufismo do Islam, tentando dispensar os prat
de cumprir as regras islâmicas e alimentando
orgulho até o delírio, fazendo-os crer que s

soas superiores e que estão acima das normas religiosas, quando em verdade uma legítima superioridade, que transcendesse efetivamente as formas exteriores, voltaria a submeter-se a estas, não por necessidade individual, mas por uma necessidade cósmica, isto é, para a salvação das almas de todos os demais, que não tivessem acesso ao conhecimento espiritual.

O ensinamento sufi provém diretamente do Profeta, Mohammed, e as linhagens ininterruptas de mestre a discípulo podem ser atestadas pela "genealogia" de cada praticante, em documentos que se conservam na **zawyas** -- "lojas" -- sufis, à disposição de quem deseje conhecê-las. Os farsantes não têm genealogia, estão fora da corrente **(silsilat)**, e não representam a ninguém nem a nada fora da sua própria imaginação delirante e ambiciosa.

Todas as vias espirituais ou escolas -- **turuq**, plural de **tarîqat**, "via" -- exigem do postulante que ele primeiro entre no Islam e pratique as preces e regras, com sinceridade, e durante um tempo que pode ser mais ou menos longo, conforme o caso. Alguns mestres sufis aceitaram, em outras épocas ou ainda hoje, orientar religiosos de outras tradições -- padres cristãos ou monges budistas --, mas nenhum aceitará um discípulo sem religião, e muito menos ainda alguém que seja contra a religião.

E Deus guia à Verdade quem Ele quer.

III

Seitas e religiões*

Raramente as grandes questões públicas, e país, chegam a ser discutidas com a ampli profundidade e o rigor necessários. Agitam-s ou três idéias da moda, ouve-se rapidamente nião dos transeuntes, os intelectuais de improvisam algumas citações, e pronto. A cons pública está apaziguada -- pelo menos até que acontecimentos, de gravidade redobrada, v sacudi-la da letargia com a revelação de que ato positivo resultou da polêmica anterior, e tudo está muito pior que antes.

Teno que isso venha a acontecer com o gra problena das seitas, recentemente agitado pel ja Católica com a denúcia de que muitas dessa nizações são financiadas pela CIA.

A percepção da gravidade do problema dep orientação da consciência de cada qual: o r lista sente-se desafiado pela intervenção est ra, o católico ofendido pelo desrespeito à su gião, o progressista ameaçado pelo desafio in República nascente, o pai de família intimida perigo que se ergue ante o futuro dos filh não há quem não se sinta, de perto ou de long cado pela questão. A pergunta que naturalment diante disso é: como é possível que um mal tã e tão amplamente conhecido -- que supera ir mente a invasão das drogas nos anos 60 e 70 - continuar crescendo, sem que a sociedade mobilizar-se para tomar a mais mínima providê respeito?

---

* Inédito. O original é de 1985.

A resposta é, em primeiro lugar, que a própria diversidade de enfoques possíveis numa sociedade "aberta" impede qualquer consenso -- e inviabiliza qualquer ação conjunta -- face a uma questão que demande uma tomada de posição em torno de princípios religiosos. Assim, todos resguardam o princípio da "liberdade religiosa" e, apegando-se às suas próprias opiniões, cada qual vê o inimigo por um ângulo diferente: ele acaba sendo designado por uma multiplicidade de nomes, que constitui no fim o melhor disfarce sob o qual pode continuar agindo e crescendo impunemente. É a CIA, é o diabo, é o fim dos tempos, é a angústia da juventude, é pura sem-vergonhice, é doença mental, é a crise econômica, são os comunistas, são os anticomunistas -- enfim, já ouvi todo gênero de palpites disparatados, que revelam na nossa opinião pública, mesmo letrada, um despreparo total para lidar com o problema. Todos sentem a ameaça e todos estão contra, mas quando se trata de definir o quê é ela ou quem é ela, aí instala-se a nova Babel, que é mais propícia ainda ao florescimento de novas seitas.

Essa imensa dificuldade de compreender o que se passa leva muitos a um sentimento de apalermada impotência, que se disfarça às vezes em indiferença afetada e num ar de superioridade olímpica ("tudo isso é coisa de gente fraca"), e às vezes se retira para um derrotismo ostensivo, falsamente profético e apocalíptico ("não adianta, é pior que praga, você corta uma nascem dez, é o fim dos tempos"). A uns é conveniente lembrar que ninguém, por mais inteligente que se julgue, está livre da influência dos falsos mestres (pois ainda ontem não se ajoelharam perante Guevara, Marcuse e Althusser? **Mais ou sont les neiges d'antan?);** e, a outros, que a ninguém, nem aos anjos e profetas, e sim somente a Deus Todo-Poderoso, incumbe fixar a data do término deste mundo, e que apressar-se em ceder a tais "profecias" (postas no mais das vezes em circulação pelas mesmas seitas que se trata de combater), resulta apenas em engrossar as correntes que levam a destruições tal-

vez desnecessárias (1), ou, no mínimo, em arri
se a um vexame caso o pretenso Juízo Universal,
na famosa comédia de Vittorio De Sica, venha
adiado por mais alguns séculos ou milênios. N
como em tudo o mais, o melhor é seguir o consel
Profeta Islâmico: "Orai como se fôsseis morrer
nhã, e esforçai-vos na tarefa como se fôsseis
para sempre."

Em meio à confusão reinante, creio no en
que é possível discernir em tudo isso alguns p
evidentes, capazes de serem reconhecidos por t
e de estabelecer um certo consenso.

Antes de tudo o mais, não existe a menor p
bilidade de compreender o que seja uma "seita"
ter uma idéia clara do que seja "religião",
como não é possível distinguir a moeda falsa
compará-la com a verdadeira. Digo isto por
designação oficial adotada pela própria CNB
"grupos e movimentos religiosos independentes"
um eufemismo que dá a entender que a Igreja rec
ce nessas entidades uma manifestação autênti
religiosidade, o que seguramente não é o caso (
for, a Igreja terá de responder pelo gravíssim
cado de tentar sufocar um impulso religioso aut
co, ou, no mínimo, terá de explicar como e por
CIA veio a desempenhar em seu lugar o papel de
mento espiritual" das massas).

A noção de religião está intrinsecamente l
à de "revelação". Isto vale para todas as reli
do mundo, sem distinção, embora a forma e a cir
tância da revelação possam ser diferentes em
caso. Mas, qualquer que seja a religião de qu
trate, revelação é o meio pelo qual a Verdade t
universal e definitiva se manifesta e se evid
aos homens. O "momento culminante" da revelaçã
instante em que se "rasga o véu" e em que o se
último se torna evidente. Este momento é antec
de grandes trabalhos e angústias, que às vezes
volvem um povo inteiro (como no caso do exíl
povo judeu, precedendo a revelação no monte Si
às vezes um indivíduo privilegiado e arquet

que representa e corporifica a humanidade (como no caso das peregrinações do Buda antes da Iluminação); e é seguido de uma série de eventos miraculosos, de deslumbrante beleza, que confirmam a excepcionalidade do evento. Em seguida, a verdade revelada recobre-se novamente de formas (linguísticas, artísticas, simbólicas), etc., que constituem então como um cofre ou um estojo lavrado em ouro, onde aquele instante privilegiado será conservado, por assim dizer, "fora do tempo". O nome deste cofre é "religião".

A aspiração de todo homem religioso, mas particularmente do místico, é reabrir esse estojo, nesta vida ou **post mortem**, para reviver o instante supratemporal da revelação, sendo arrebatado para fora do tempo, da mutação e do sofrimento por aquela verdade salvadora.

Entre a revelação, que funda uma religião, e a realização mística do indivíduo ou a salvação da alma individual, há assim em todas as religiões uma inversão do sentido dos acontecimentos: na revelação, a verdade se mostra a nós, na realização mística e na salvação nós é que somos mostrados à verdade, tal como nas palavras finais do **Salve Regina** católico: "e, depois deste desterro, mostrai-nos a Jesus...".

Creio ser essa a maneira mais simples de explicar o que vem a ser a revelação, tal como é entendida em todas as religiões autênticas. Cabe uma palavra sobre a diversidade das formas da revelação. Esta pode tomar a forma de um **texto** sagrado, que é ditado aos homens numa língua apta a recebê-lo (as línguas sacras, como o hebraico, o sânscrito e o árabe, têm propriedades que as línguas modernas, delas derivadas, não têm, e que permitem expressões de um rigor simbólico que geralmente escapa à percepção dos linguistas leigos). Neste caso, os eventos e personagens que cercam o instante da revelação não têm uma importância mais que auxiliar, como instrumentos providenciais para a revelação do texto. No caso de outras religiões, a revelação não é

constituída de um texto, mas da vinda -- e d
-- de um homem, que **é**, ele mesmo, a verdade.
hipótese, pode também haver textos em jogo
reproduzam as palavras deste homem, quer relat
vida tal como outros a presenciaram, quer come
expliquem a verdade trazida nele, mas tal co
homens e eventos do caso anterior, desempenham
auxiliar. Estão no primeiro caso o hinduísmo
os **Vedas**), o judaísmo (com a **Torah**), e o Isl
(com o **Corão**); no segundo, o Budismo e o Crist
mo. (O caso do taoísmo e das religiões indíg
mais complexo e não cabe discuti-lo aqui, ma
muda em nada o que foi dito.)

As pessoas que se aventuram a falar de re
frequentemente esquecem essa distinção óbvia,
as leva a fazer comparações indevidas -- por
plo, entre Cristo e Moisés, o **Evangelho** e o
Buda e Maomé --, o que não ajuda em nada o v
deiro diálogo que está pressuposto na no
ecumenismo.

Cabe comparar somente os elementos compar
isto é, aqueles que estruturalmente desempenhe
grandiosos edifícios das religiões, uma função
lar. Por exemplo, no Cristianismo a revelação
o **Evangelho**, mas Cristo; no Islam não é Maomé,
texto do **Corão**. Os **Evangelhos** são meios auxi
para chegar a Cristo, e a vida de Maomé ajuda
preender o **Corão**. Mas cada coisa no seu lugar

Voltando à idéia do estojo, este é lavrado
a pouco, com o auxílio das primeiras teste
diretas da revelação, e depois com o concur
seus sucessores. Daí provém um **corpo** de princ
de textos, de práticas, de obras de arte, tud
tinado a **fixar** a memória daquele instante priv
ado, de modo que não se perca para as gerações
guintes. O tremendo poder gerativo da rev
expressa-se de maneira insofismável nas dim
desse edifício: uma pretensa religião que su
de repente, e que, no curso de um século m
menos, já não se tivesse alastrado num corpo
nente de cultura sacra, não seria religião de

ra alguma.

A revelação provém da Misericórdia divina, e a Misericórdia é por natureza expansiva. Esse corpo de manifestações sacrais que se alastra, depois da revelação, pelas terras e pelos séculos, deve porém ter unidade, e esta é assegurada pelo caráter ininterrupto da transmissão do ensino e da autoridade, de homem a homem, de nação a nação, de geração a geração. Esta transmissão ininterrupta -- que se vê, por exemplo, no caso cristão, na ordenação sacerdotal procedente de São Pedro, e deste a Jesus -- é o que se denomina propriamente "tradição", do verbo latino **tradere,** "trazer". Designa aquilo que "foi" trazido por Deus e que "continua sendo" trazido de homem a homem no decorrer dos séculos.(3) Na língua hebraïca, não é outro o sentido da palavra **Kabbalah,** sobre a qual as seitas de ontem e de hoje fazem proliferar tantos enigmas e pretensos mistérios, aptos a chamar a atenção da curiosidade grosseira e vulgar. Na dupla coluna de emanações divinas da **Kabbalah,** entende-se que a "Misericórdia" traz a revelação e alastra aos homens a possibilidade da salvação pelo crescimento da religião, e o "Rigor" assegura a unidade do edifício pela transmissão direta da autoridade e pela inflexibilidade da doutrina conservada de geração em geração.

Já por essas explicações iniciais e elementares, o fenômeno das seitas surge-nos um pouco mais elucidado. Na medida em que não dispõem nem da revelação -- nem, **a fortiori,** podem arrogar-se a origem e a posse de um corpo de cultura sacra -- elas poderiam ser definidas como a religião **menos** seus dois elementos essenciais.

Ora, as religiões não são formadas apenas pelos elementos essenciais, mas também pelo concurso de elementos "acidentais", que formam por assim dizer a gordura e a pele desse corpo onde a revelação e a cultura sacra são a vida e o sangue. Tais elementos acidentais são, de um lado, a comunidade ou coletividade dos fiéis; de outro, a estrutura de poderio social gerada pela cultura sacra para prover as

necessidades materiais da coletividade; e, fi
te, os hábitos de culto e de obediência por
dos fiéis.(4) Reunindo estes três componente
denominação de "culto" -- e sigo nisto o e
"positivista" que presidiu à redação do nosso
go Civil --, podemos chegar, enfim, a uma de
de "seita": **seita é o culto sem religião.** Em
termos, é a atitude subjetiva de obediência e
ção (viabilizada por uma estrutura de pod
influência social), sem a contrapartida objet
uma revelação cristalizada num corpo de cult
cra. É um corpo feito de gordura e pele, se
nem sangue.

Claro que, etimologicamente, a palavra
tem um sentido algo diverso, e claro também
já foi usada com um sentido diferente em
tempos, para designar outros tipos de fenômen
não estou aqui fazendo um estudo de etimolog
de semântica histórica. Estou definindo a pal
a coisa que ela designa, segundo ambas se apr
hoje, perante os nossos olhos. Podem aplicar
ceito, tal como o defini, a qualquer dos caso
sentes. Verifiquem se em todas as seitas que
cem não existe culto e estrutura de poder. E
Verifiquem, por outro lado, se esse culto se
a um corpo de cultura sacra efetivamente ex
-- a um corpo de dogmas, leis, comentários, o
arte sacra, panteão de vidas de homens santo
fim, tudo o que caracteriza uma religião au
já desde seus primeiros tempos. Verão que
dirige a nada. Ou antes, verão que o cul
tendo objeto real onde polarizar-se, se fecha
mesmo, enrosca-se num labirinto autolátrico
dirige enfim à estrutura mesma de poder que
tenta, ou àqueles que nela ocupam os mai
postos hierárquicos. Então podemos precisar a
definição, e dizer que seita é um **culto subj
ta, autolátrico, que diviniza o poderio socia
sustenta.** Este poderio pode cristalizar-se s
camente na pessoa de um "mestre" ou proj
impessoalmente na organização como um todo.

essencial é que o objeto de culto não transcende jamais as estruturas da própria organização.

Há um caso, entretanto, que pode confundir-nos um pouco, parecendo escapar à definição acima. É o caso das seitas que se apropriam de elementos ou aspectos isolados de religiões existentes, por exemplo fórmulas rituais, símbolos ou dogmas. Nesta eventualidade, o objeto de culto parece efetivamente projetar-se para além dos limites da organização, abrindo-se para as dimensões superiores que são simbolizadas por esses elementos roubados. Por exemplo, uma seita pode utilizar-se de elementos do hinduísmo, como a noção de **karma** ou a recitação do monossílabo sacro **Om (Aum)**, e evidentemente suas práticas parecerão ter toda a amplitude e o alcance simbólicos que esses elementos efetivamente têm na religião originária. Para completar o simulacro, a seita pode socorrer-se dos próprios textos da religião em questão, que, circulando em edições comerciais ao alcance de todos (isto quando não são reproduzidos em edições promovidas pela própria seita), podem ser livremente usados para qualquer fim, independemente do seu uso regular e da significação que possam ter efetivamente na religião de onde provêm. Quem pode impedir que alguém use o Evangelho para transmitir o contrário da mensagem evangélica, ou, com base em trechos seletos dos discursos do Buda, ensinar como budismo algo que seja exatamente a negação do budismo? Partindo do princípio de que a vítima desses engodos desconhece completamente as religiões saqueadas, nada pode impedi-la de comprar como coisa autêntica e completa algo que é apenas um fragmento roubado.

O teste decisivo para identificar esse tipo de operação é justamente o papel fragmentário e incoerente que em tais seitas desempenham esses pedaços de hinduísmo, de cristianismo, de budismo. As religiões autênticas não constituem amálgamas de práticas e símbolos juntados a esmo, porém corpos, organismos vivos cujas partes não podem ser seccionadas e usadas fora do contexto sem acarretar ou a morte

dessas mesmas partes, ou do organismo intei
ser cristão não basta repetir o **Pai Nosso:** é
so, de um lado, compreender que os sete pe
Pai Nosso representam cada um deles uma vi
um sacramento, e, de outro lado, é preciso
esses sacramentos, tais como são dados pela
ininterrupta de sacerdócio que começa em
São Pedro, e que se chama **Igreja,** e pratic
virtudes tal e como elas são explicadas
mesma tradição ininterrupta, com um sentido
definido numa torrente de livros desde há
anos, e não com um sentido improvisado e ar
ditadc pela tirania do ego individual.
muçulmano, não basta declarar que "só Deus é
Mohammed é seu Profeta": é preciso submeter-
que emana desse Deus único e se propaga pela
ininterrupta da legislação e do ensinamento
tual do Islam, e é preciso imitar efetiva
vida desse Profeta, regrando-se por seus
exemplos, tal como estão relatados, comen
explicados nos livros da teologia, da jurisp
e da espiritualidade do Islam, e não seg
caprichos do desejo individual. Caso contr
sete pedidos do **Pai Nosso** ou a declaraçã
muçulmana tornam-se um símbolo sem simboli
som oco e perturbador, ou então uma contradi
e simples, como a de pedir água quando nã
sede, ou comprar uma passagem para Porto
quando se quer ir a Salvador. Se nossos atos
tem nossos pedidos formulados em palavras, é
que Deus atenderá à nossa verdadeira vont
pressa mudamente nos atos, e não à falsa,
numa pseudo-prece sem sentido nem intenção,
a enganar a nós mesmos, mas não a Deus. A
um **resumo** da religião, não seu substitutivo
pode-se dizer de todos os símbolos e ritos
ticular. Quem se apropria de pedaços do
sem submeter-se à regra cristã, viola dupl
lei cristã. Quem se apropria de pedaços do
cumprir a lei muçulmana, profana duplamente
sacro.(5)

Portanto, o uso de elementos muçulmanos não torna muçulmuna uma seita, nem a torna cristã o uso de elementos cristãos. Esses elementos são apenas enfeites, pingentes e plumas coloridas para dar a ilusão de que se cultua a Deus, quando em verdade se ofende a Deus brutalmente, enquanto na prática se cultua uma organização e seu chefe. Com isto, voltamos à nossa definição anterior, e as seitas continuam sendo um culto de si mesmas, um ser mórbido, autocêntrico, egoísta, fechado e destrutivo como um câncer.

O que foi dito até aqui basta para que qualquer pessoa, mesmo não sendo religiosa, possa distinguir com total precisão e rigor entre religiões e seitas.

Essa distinção, absolutamente indispensável como preliminar a qualquer discussão séria do problema, não parece ter estado entre os objetivos da recente reunião da CNBB, onde, ao contrário, houve uma tendência a confundir deliberadamente as duas coisas, rotulando as seitas como "movimentos religiosos independentes", o que confere ao fenômeno um caráter "religioso" que ele absolutamente não tem.

De fato, ao fazer isso, a CNBB não deixou outro critério de distinção entre as religiões e seitas, senão o fato de que as primeiras são "oficiais" e as segundas são "independentes" sem aliás esclarecer como uma organização financiada pela CIA pode ser "independente". Isto equivale a negar às religiões, a Católica inclusive qualquer primazia nas questões religiosas, e em reduzir toda diferença a uma questão acidental de ordem social e jurídica. Em suma: resulta em legitimar as seitas do ponto de vista religioso, restando apenas legitimá-las social e juridicamente. Isto é suicídio puro e simples.

Para completar estes esclarecimentos, é preciso introduzir ainda uma distinção fundamental entre a simples apropriação imitativa e fragmentária de ritos e símbolos religiosos, de um lado, e, de outro, a alteração ou inversão proposital desses símbolos e ritos.

No primeiro caso, estamos diante do mero
meno de "pseudo-religião", que é o caso da ma
das seitas atualmente existentes. A prática de
"ritos" não tem outros efeitos, senão os que
ser obtidos pelos procedimentos vulgares de sug
e auto-sugestão (com todas as sequelas morais e
cológicas que têm esses procedimentos, quando t
formados em práticas habituais e viciosas).

Já no segundo caso, porém, trata-se da
que se pode denominar "contra-religião" ou rel
invertida", e isto já é algo de infinitamente
grave, pois não é realmente outra coisa senão a
que recebe tradicionalmente o nome de "satanis
palavra "Satã" -- em hebraico e árabe, **Shaitan**
significa exatamente **adversário,** no sentido
lógico da expressão latina **ad-versus,** isto é, a
que toma as coisas pelo verso ou pelas cost
"satânico" a que nos referimos aqui não tem ev
temente as habituais conotações mitológicas
tasmáticas em que a palavra ressoa na mente po
mas significa -- "tecnicamente", por assim di
a inversão proposital dos símbolos, das pal
das coisas, das idéias, dos sentimentos e, evi
mente, dos ritos.(6)

A existência de seitas satanistas, que a
gum tempo atrás era matéria de pura fantasia e
mes e romances, que despertavam no público um
ção de incrédula curiosidade, é hoje um fato
rio e contundente da nossa trágica atualidade.

A título de exemplo dessas inversões ri
todos conhecem o caso das cruzes de cabeç
baixo que são usadas nas "Missas Negras".
falado no Ocidente, mas muito conhecido no O
Médio, é o caso das seitas aberrantes de p
sufis, onde periodicamente se recitam trec
Corão de costas voltadas para a Meca, que é a
ção normal da prece; ou se coloca uma mulher
chefiar a prece, postada na frente dos fiéis,
é pela lei corânica uma função exclusivamente
culina; ou ainda se realizam as preces sem a a
preliminar que purifica o crente para comp

diante de Deus, (isto equivale, no Cristianismo, a tomar a comunhão voluntariamente em estado de pecado mortal).(7)

Não é necessário dizer que a prática dos ritos inversos tem também efeitos inversos, isto é, se os ritos religiosos devem conduzir à iluminação interior, os ritos profanatórios conduzem ao embrutecimento da alma, à substituição da inteligência pela malícia, e ao culto da perversão e da bestialidade. Como atestação dos efeitos de tais práticas mesmo no domínio corporal, pode-se verificar o grande número de crianças natimortas ou defeituosas entre os filhos de mulheres praticantes de tais "ritos".

Que, a pretexto de liberdade religiosa e de igualdade de direitos tais coisas possam vir hoje em dia a ser denominadas pelo mesmo termo "religião" **(religio)** que designa os grandes edifícios de leis, ritos e conhecimentos sacros como o Cristianismo, o Budismo ou o Islam, é algo que somente atesta a inconsciência, raiando a estupidez, de uma época que parece ansiar pelo abismo e clamar pela dissolução na voragem do nada.

IV

O valor do intelecto*

A depreciação do intelecto, mesmo feita de supostos "meios superiores" de conhecim anti-islâmica e anti-espiritual em sua essên inspirada pelo apego à imaginação e à sensor de, funções que, uma vez reprimido ou entorpe intelecto, exercem um poderio sem freio sobr mem, revestindo-se inclusive da autoridade qu tence exclusivamente ao intelecto e pret ditar "verdades" cuja confusão mesma já bast caracterizá-las como mentiras ou desvarios.

A excusa da "fé" não passa de um subte que não é aceito nem pelo Corão, nem pelas au des, sábios e espirituais do mundo islâmico.

O Corão **proibe terminantemente** crer sem "Não sigas aquilo que desconheces" (XVII:36) ria El Berry, comentando este versículo, afi Corão proíbe ao homem seguir aquilo que desc quando não tem provas evidentes a respeito. E dena aqueles que seguem a outros, mesmo a seu sem conhecimento..., classificando abaixo d mais o homem que não usa de sua inteligência"

Un **hadith** do Profeta (sobre ele a Paz) lece: "Deus não criou nada mais nobre que o i to, e Sua cólera tomba sobre aqueles que grem".(2)

Quanto à excusa da fé, é importante not **fides,** em latim, tem a acepção de "fidelidad "constância" e de "confiabilidade", nada per interpretá-la no sentido de uma adesão irraci

---

* Inédito. Original de 1985.

crenças insensatas ou incertas. A virtude da fé significa que o homem, uma vez tendo apreendido pela razão e pela evidência uma verdade, permanecerá fiel a ela, mesmo quando sua imaginação, seus sentimentos ou sua vontade -- para não falar de fatores coercitivos meramente externos, como a opinião grupal ou a pressão das circunstâncias -- o inclinarem em sentido oposto. Dentro do campo cristão, a concepção não é diferente, desde que a teologia escolástica, com Santo Tomás de Aquino à frente, declara que a fé não é uma atitude dos sentimentos -- e muito menos de algum impulso obscuro, inexplicável e "subconsciente" -- porém uma decisão do intelecto e da Vontade (3). No mundo judaico, o valor do intelecto e do pensamento é afirmado como sinal de soberania intelectual e moral da pessoa humana, e atestado, entre outros fatos, pelo amor que o povo judeu dedica aos livros e à arte do debate, que é fundamental para a manutenção da "Toráh vivente" (4).

Certas expressões arrebatadas dos místicos muçulmanos e cristãos, que proclamam sua fé acima e independentemente de motivos racionais, não podem ser desonestamente empregadas para justificar o ataque ao intelecto, pois expressam apenas, em modo hiperbólico, a fidelidade do crente à verdade apreendida, mesmo acima e independentemente dos meios de descoberta e prova que a ela conduziram e que a sustentem no campo do pensamento discursivo; dizer que os fins são superiores aos meios não significa depreciar os meios enquanto tais, nem recusar-se a fazer uso deles sob qualquer pretexto que seja. O sentido dessas expressões é que a verdade, mesmo imperfeitamente apreendida, vale mais do que um erro, mesmo fundado em razões aparentemente lógicas: mais vale crer numa verdade que não se sabe provar do que deixar-se enganar por falsas provas. O próprio estilo hiperbólico de tais declarações evidencia que eles veiculam hipóteses extremadas, que tomadas ao pé da letra ou em modo plano resultariam no absurdo puro e simples. Quando são proferidas por místicos muçulmanos, é preciso levar ainda em conta

o gênio da língua árabe para as expressões
tadas e hiperbólicas, cuja tradução para uma
ocidental produz às vezes um efeito de incong
e desproporção, desde que a índole mais fria
cional das línguas ocidentais não permite t
fielmente as emoções de um temperamento nob
arrebatado tal como o dos árabes. Quando o s
que prefere "ir para o inferno pela Vontade d
a ir para o Céu contra a Sua Vontade", est
que ele não está dizendo que Deus tenha o háb
enviar os homens santos para o inferno, mas
expressando, por ampliação **ad absurdum,** a
lidade da sua obediência. (Que uma express
essa possa ser usada por falsos mestres para
inocentes discípulos ocidentais a praticar o
nome de Deus" e a "provar sua obediência" ind
tivamente para o inferno, é algo cuja monstru
salta aos olhos, mas que realmente acontece e
sos dias (5)). Do mesmo modo, quando Santo
nho, após ter verificado que a inexistência d
é uma hipótese absurda, declara sua crença
em termos de **credo quia absurdum** ("creio, me
seja absurdo"), está no mesmo ato afirmand
crença em Deus **não pode** ser absurda.

A propósito, o uso indevido do termo **qal**
ração") para designar algum tipo misterioso
culdade cognitiva colocado acima e fora do in
e da razão é claramente condenado pelos mestr
fis, como por exemplo Al-Chazzali:

"Há efetivamente no coração **(qalb)** do
um olho **(' áyn)** que possui perfeição. Chama
vezes de intelecto **('aql),** às vezes de
(ruh).

Deixe de lado todas essas denominações
pessoas pouco clarividentes podem fazer crer
trata de realidades múltiplas. Quanto a nós,
demos designar com essas expressões **aquilo q**
tingue o homem racional da criança, do anima
louco. Chamemo-lo portanto **intelecto ('aq**
guindo a linguagem corrente"(6).

A eminente dignidade do intelecto e da fala é ainda reafirmada pela autoridade de Jalal Ed-Din Rúmi, quando diz:

"O homem é um animal que fala: o homem acrescenta às características animais a linguagem; essas características são permanentes e estão ligadas a ele, e o mesmo sucede com a linguagem. Quando o homem não fala exteriormente, fala interiormente. Está sempre falando: é como uma torrente misturada com lodo. A água clara da torrente é a linguagem, o lodo é a animalidade. O lodo é acidental. Não vês que lodo e corpo perecem e apodrecem, ao passo que a linguagem, transmitida pela história, pela ciência, pela cultura, bem ou mal, permanece?"(7)

Que diria Rúmi, então, em face das teorias que oferecem uma "comunicação não verbal", puramente animal e instintiva, fundada na memória ancestral, como forma de "conhecimento direto" superior à linguagem?

Podemos concluir esta parte com Al-Kortoby: "Os filhos de Adão distinguem-se pelo seu intelecto... A lei assemelha-se ao sol, e o intelecto ao olho. Se o olho for são e estiver aberto, vê o sol e percebe as formas das coisas".(8) E com El-Berry: "O pensamento é então um instinto natural do homem, e pensar é a função e a missão da mente. Os sábios definem o homem como um animal que pensa e fala. **Portanto o pensar é um dever islâmico**".(9)

O ponto que pode realmente suscitar confusão -- e que não deixa de ser aproveitado com astúcia pelos interessados na destruição das faculdades intelectuais do homem -- é que o intelecto pode efetivamente corromper-se e falhar.

Por um lado, a verdade apreendida pelo pensamento não permanece, mas some quando o homem pára de pensar no assunto, e pode portanto ser esquecida. Daí a necessidade da prática religiosa e mística que **consolide** no próprio **modo de ser** da pessoa a posse da verdade percebida. Este é o sentido, aliás, do termo latino **hábito,** que vem do verbo **habere,** "possuir". Não basta apreender a verdade pelo pensa-

mento, é preciso transformá-la num **hábito** ou permanente, e que só se obtêm pela remoção das trações e pela concentração do intelecto. A c tração, como é óbvio, **intensifica** a atividad intelecto, e nunca a suprime a pretexto de des ver supostas "faculdades superiores". O termo interior" utilizado por todos os místicos, ref ao estado de evidência permanente que é alc pelo intelecto, e que nunca poderia ser at pelo seu mero exercício esporádico e intermite sim somente pela prática voluntária e regular.

Por outro lado, a possibilidade da cor não decorre de alguma falha constitutiva do p intelecto, mas do simples fato de que pensar multâneamente um ato lógico (portanto ontológ um ato psicológico (portanto biológico), respo simultâneamente, de uma parte, às exigências c tutivas da verdade e, de outra parte, às conti cias e demandas do corpo em sua instabili flutuação cíclica. Quando o pensamento é fiel missão, quando ele se atém à universalidade que reflete a permanência e a universalidade d ele é o 'intelecto são" que conduz o homem à de. Quando, ao contrário, ele se deixa envolve las funções inferiores e se torna escravo da nação e dos desejos, ele mergulha na obscu subjetiva dos impulsos biológicos, e é o "int doente" que encerra o homem na prisão da menti da ilusão.

É **nesse sentido,** e não em qualquer outr a fé e a obediência à Lei revelada podem se menos taticamente e na prática, mais importante que o próprio intelecto, já que o bom funcion deste depende, em última instância, da retidão e da regularidade tradicional do indivíduo.

É claro, então, que uma pretensa "via ritual" que por um lado restrinja ou desestim ação do intelecto e por outro excite a imagi (mediante histórias, mediante situações incon tes, mediante uma sucessão de estímulos desenc dos), ao mesmo tempo que dá livre curso aos de

e abole qualquer regra moral explícita, concorre unicamente para a sujeição do intelecto às paixões, e portanto para a eclosão da "rebelião" que fará do intelecto doente e mundanizado um tirano a serviço do ego subjetivo. Tudo isso concorre para rebaixar o homem a um nível inferior ao do animal, ao mesmo tempo que lhe dá a trágica ilusão de estar "evoluindo espiritualmente".

V

A decadência e o fim, segundo as doutrinas hindus*

Os sinais próximos de um "fim dos tempos" atr em hoje a atenção de muitas pessoas para a antiquí sima doutrina hindu dos ciclos cósmicos, pela si ples razão de que os acontecimentos a confirmam pé da letra.

Mas esta súbita popularidade de uma doutri que permaneceu desconhecida no Ocidente duran quase toda a nossa civilização -- e que, mesmo d pois de redescoberta pelos orientalistas, ain ficou por mais de um século relegada ao domínio exótico e do "oculto", no sentido pejorativo do te mo --, essa popularidade não significa que ela se hoje melhor compreendida do que ontem, e nem mes que aqueles que a divulgam agora tenham a míni intenção de fazer compreendê-la.

De fato, a tendência geral é para fazer grande alarde dos fatos e dos tempos assinalad pela doutrina dos ciclos, mas dando-lhes uma valor ção exatamente inversa daquela que lhes atribuem textos sacros hindus de onde ela foi extraída. suma, os fatos que a doutrina hindu assinala co perigosos índices de uma degradação extrema e s precedentes da espécie humana, são hoje apresentad como sinais auspiciosos de uma era de renovação, luminosidade e mesmo de apogeu espiritual.

Se é arriscado dizer qual a intenção com que

---

* Novembro de 1985. Escrito para uma publicação Editora Abril sobre o cometa de Halley.

faz isso, é fácil, no entanto, constatar o efeito que uma ação desse tipo desencadeia: a promessa de uma renovação ilusória faz com que as pessoas se atirem com mais facilidade, e até com uma certa volúpia, na voragem da decadência.

O argumento corrente de que toda extinção constitui automaticamente uma renovação é fora de propósito, porque o que está em jogo é a melhor qualidade do que se promete vir depois, e não o simples fato da mudança. Quando um homem está para morrer, o único indício positivo de que ele terá uma existência melhor no outro mundo reside justamente na santidade de sua vida terrestre e na piedade corajosa e honrada com que ele enfrente a aproximação da morte, e não no simples fato de encontrar-se moribundo, que é algo que também acontece aos tiranos e assassinos sem que isto constitua motivo de confiança na salvação das suas almas. Pior ainda, ninguém dirá que uma morte desonrosa constitua uma garantia dessa ordem, nem que a nossa civilização, ao renegar as religiões e a cultura tradicionais e ao atirar-se com volúpia aos piores desregramentos e ao culto das mais grosseiras pseudo-divindades já concebidas, esteja morrendo dignamente, como morreram com dignidade, sem abdicar um milímetro que fosse dos seus princípios, leis e costumes, os povos indígenas que ela mesma extinguiu em nada memorável banho de sangue.

A doutrina hindu dos ciclos cósmicos abrange muito mais do que um ciclo de civilização, como o nosso; ela se estende por toda a duração do nosso mundo, e assinala etapas e mudanças periódicas que transformam não apenas as estruturas sociais, psíquicas e culturais, mas a própria fisionomia do planeta. As chamadas "mudanças de era" astrológicas (de Touro a Áries, de Áries a Peixes, de Peixes a Aquário), são apenas uma fração das mudanças cíclicas maiores assinaladas pelos hindus. As eras astrológicas, de 2160 anos, sucedem-se por simples mudanças culturais e sociais, lentas e -- para a massa da humanidade -- quase imperceptíveis a curta dis-

tância, sem acompanhar-se de alterações m
escala física. Isto não acontece com as mud
grandes ciclos assinalados na doutrina hi
os fins dos "ciclos polares" de 21.600 a
marcam alterações profundas na constituição
humanidade, e que são acompanhados de catac
outros fenômenos de ordem física que alter
ficativamente o panorama da Terra. Os melho
diosos do assunto, como Saint-Yves d'Alvey
Guénon e Gaston Georgel, são unânimes em de
imediações do nosso tempo como época do enc
de um desses "ciclos polares", fenômeno de
proporções, perto do qual a simples mudan
astrológica é como um rabisco de um garot
de um templo que rui.

Aqueles que interpretam os acontecim
ciais da nossa época à luz da mudança de
lógica cometem assim um pequeno erro de es
pode alterar substancialmente a visão das
modo que fatos que evidenciam o esgotame
das possibilidades humanas mais baixas, pr
efetivamente algo como uma extinção, possa
tos como promissoras novidades.

Face a isto, é preciso dizer que em n
uma multiplicidade de ciclos cósmicos e
está chegando ao seu fim, prenunciando um
de muito maiores proporções do que um sim
nhão na crosta das instituições do noss
Ocidente industrial e materialista. De fat
dem por volta desta época o encerramento
Pisces, o encerramento de um ciclo polar
anos e o encerramento da Idade do Ferro
decadência iniciada aproximadamente em 445

Para que se compreenda bem o que isto
zer, é preciso saber que a doutrina hind
aliás, todas as doutrinas tradicionais --
desenvolvimento temporal da espécie huma
processo de queda progressiva, que de ir
intervalo é sustado por uma intervenção pr
dos céus, com o surgimento de um **Avatara**
que restaura até certo ponto as possibilic

rituais anteriores, mas sem nunca poder elevar a humanidade ao nível pleno de perfeição espiritual de antes. Dentro do ciclo final da Idade do Ferro, o surgimento do Cristianismo representa uma dessas renovações, chegando portanto ao seu final, agora, o terceiro e último período da Idade do Ferro, já em si mesma considerada o auge da decadência após as Idades do Ouro, da Prata e do Bronze, que tiveram durações bem maiores que a dela.

No que diz respeito aos indícios que assinalam o fim da Idade do Ferro, tais como aparecem nas doutrinas hindus, eles não são muito diferentes das profecias contidas no **Apocalipse** de São João referentes ao encerramento do ciclo menor constituído pelo período de vigência do Cristianismo. Para que o leitor possa por si mesmo estabelecer as devidas comparações, damos em seguida um extrato do livro dos **Baghavata Purana**, Livro XII, Sl. 24 a 44, que tratam do panorama humano e social desse período:

"Durante esse período, os homens têm a inteligência curta e poucos recursos. Eles são glutões, libidinosos, indigentes. As mulheres são libertinas e más.

"Os campos são devastados pelos assaltantes. Os livros sacros são profanados pelos heréticos.

"As mulheres são de talhe exíguo, mas vorazes, de uma fecundidade excessiva, sem pudor, tagarelando sem parar, ladras, turvas e de um grande descaramento.

"O comércio estará nas mãos de gente miserável, de mentirosos convictos. Mesmo não sendo em caso de necessidade, as ocupações ilícitas serão consideradas lícitas.

"Os homens abandonarão pais, irmãos, amigos e parentes, serão dados à luxúria e às afeições ilícitas.

"Os **Shudras** (homens grosseiros e mate
tas), disfarçados em ascetas, viverão deste
ce, captando oferendas.

"Os homens terão a alma sempre perturba
tarão atormentados pela escassez e pelo fisco

"A riqueza substituirá vantajosamente a
de origem, a virtude, o mérito.

"No casamento, os homens só buscarão o
e, nos negócios, o lucro fácil.

"O objetivo de todos será encher a barr
insolência passará por sinceridade.

"A lei dos heréticos prevalecerá. Todas
tas serão parecidas com a dos **Shudras.**"

Nesse panorama, os indícios da desagrega
a sexualidade decadente, os **Shudras** disfarç
místicos, a heresia proposta como religião, a
lência tomada como "sinceridade" -- não são p
so os mesmos nos quais os teóricos da "Era do
rio" vêm os mais elevados sinais de uma "re
espiritual"?

Eis o que diz aquele que foi talvez
tenaz estudioso da doutrina hindu dos cic
século XX:

"Para os cabalistas, a "Era do Aquário"
do "Princípe deste Mundo".Alguns, entre os **h**
comparam-se aos primeiros cristãos... Mas os
do Aquário" esquecem, ou ignoram que... o
"Fim dos Tempos" será imediatamente precedid
advento do Anticristo, que os cabalistas iden
como a "Era do Aquário"..., reino efêmero
segundo o Apocalipse, durará somente quarenta
meses... Os pobres **hippies** nutrem muitas
quando imaginam representar a vanguarda da hu
de futura, quando em realidade são apenas os
tos degenerados de um mundo corrompido e pró

ruína."(1)

Evidentemente, os que na década de 70 se denominavam **hippies** são hoje os mesmos que lotam os **ashrams** dos pseudo-gurus, e se submetem a todo gênero de experiências degradantes, que passam por "práticas ascéticas".

VI

Considerações*

I

A prece e a lei

As preces dirigem-se ao "ser psíquico" da comunidade religiosa, e somente através dele à "influência espiritual" celeste, que orienta esse ser no sentido unificante e ascendente; em outros termos, dirige-se ao "divino" através do "humano universalizado", ao "universal" através do "geral". (1)

Para o crente, é a aceitação, a obediência às regras da religião que o coloca em harmonia com a "alma da comunidade", de modo que suas preces possam chegar ao céu; assim, as restrições que a obediência possa impor são compensadas pela Graça que responde à sua prece.(2)

É daí que provém a estrita necessidade da lei religiosa. Esta polariza os focos de consciência como fachos de luz que se dirigem a um corpo de valores cuja universalidade reilumina, por sua vez, as consciências individuais; reitengrando-as na finalidade de existência. A lei destaca certos valores que constituem a "personalidade" específica que o Homem Universal se apresenta nessa religião.(3) Os traços assim iluminados oferecem-se claros aos olhos de todos os crentes e tornam-se

---

* Notas distribuídas a alunos de um curso, em resposta a várias perguntas. Dezembro de 1985.

por sua vez, guias para facilitar a integração dos crentes na regra e, assim, a percepção do universal.

Se, ao invés de impor regras, a religião deixasse todos " à vontade", oferecendo uma "liberdade" constituída simplesmente da ausência de leis explícitas, o foco de atenção de cada qual, em vez de se dirigir ao geral (e por meio deste ao universal), iria na direção da sua diferença individual (portanto, do quantitativo). Assim, o único ponto de convergência a unificar a comunidade só poderia estar localizado no "ponto cego" deixado no centro por todas as consciências (ou melhor, inconsciências) divergentes, e que constituíria assim o "miolo inconfessável" desde o qual a comunidade poderia ser manobrada para finalidades que nada têm de universal e que ela ignoraria completamente. A unidade já não se faria pelo "ponto mais alto", isto é, pela consciência comum de valores universais, mas pelo ponto mais baixo, isto é, pela inconsciência comum das finalidades da organização, na convergência de todas as inconsciências. Ao invés de um "máximo divisor comum", teríamos um "mínimo múltiplo comum" que abarcaria a todos no foco da inconsciência geral. É a técnica da contra-iniciação.(4)

Podemos, portanto, conceber qual o tipo de "religião" -- e, portanto, de "processo" que se anuncia por trás da "permissividade" e do narcisismo contemporâneos.(5) É a religião e o governo do manejo inconsciente das massas pelo Anticristo.

2

A obediência e a forma humana

Se Deus é Onipotente, e se todos os entes criados estão sob Suas ordens, qual o sentido que pode ter a exortação de "servir a Deus", uma vez que não existe alternativa? Não é isto como pedir que o fogo queime e a água molhe?

A redundância aparente esconde uma intenç
apela ao que existe de mais essencial e profun
vocação humana.

Acontece que todos os entes servem a De
que a forma particular que assume este serv
cada caso é determinada pela sua natureza. A
pesa porque esta é sua natureza, determina
Deus, e os astros giram em torno do Sol porque
fixou esta órbita como um destino inexoráve
trito à natureza dos corpos do sistema solar.

Assim, todos os entes são subjugados pela
fa que sua natureza impõe, e em nenhum moment
circunstâncias lhes é oferecida a alternat
dizer "não" e nem mesmo a possibilidade de ter
das ou hesitações por mais leves e passageir
sejam.

Se um ente "falha" em sua tarefa, esta
não representa outra coisa senão a supressão p
simples da sua existência individual, como
por exemplo, pelo fato de que os seres vivente
quais foi por sua natureza ordenado viver,
de existir tão logo essa vida se interrompe p
instante, não podendo de maneira alguma e
mortos por um lapso de tempo e voltar à vi
seguida.(6) Do mesmo modo, uma substância qu
cuja natureza é definida por um certo agrega
partes, ou átomos se quiserem, cessa de exist
quanto tal, tão logo essas partes são dispersa
integradas a outros corpos circundantes, não
do uma molécula de carbono ser desfeita e ref
vontade.

Toda "falha" implica, portanto, a dispersã
partes cujo agregado constitui o ente e que po
são da falha são integradas a outros entes.
sintegração da forma de um ente no instante d
sação da sua tarefa não impede que as partes,
damente consideradas, continuem desempenhand
qual a tarefa que lhe é própria, integradas
num outro organismo ou sistema.

Na decomposição de um ente, as partes separadas, ao serem integradas num outro sistema continuam cumprindo essa tarefa isoladamente, isto é, num nível de integração mais baixo. Por exemplo: as células dispersas de um cão morto podem continuar vivendo nos vermes que as devoram, mas já não haverá entre elas a coordenação, a integração numa unidade superior e numa forma coesa denominada "cão".

Em outros termos: a obediência prossegue, mas a forma individual desaparece. Tudo o que existe obedece a Deus, mas nem tudo o que existe persevera idêntico na existência.

Do mesmo modo ocorre com o homem. Sabemos que este é um complexo que integra partes -- ou faixas -- pertencentes analogicamente aos três reinos da natureza: mineral, vegetal e animal, as quais são coroadas e integradas pelas funções propriamente humanas, que definem a forma -- física e existencial -- da nossa espécie. Essas faixas dispõem-se hierarquicamente, e no instante em que cessa uma das funções superiores, as inferiores continuam imperturbavelmente sua tarefa, mas fora desse todo integrado. Por exemplo, quando cessam as funções propriamente humanas -- linguagem lógica e opção voluntária -- as funções animais -- desejos e instintos -- continuam existindo, mas operando fora dos quadros determinados pelas funções humanas. E, quando se extingue a vida animal e vegetativa, os componentes minerais do corpo humano conservam inalteravelmente suas propriedades, as quais continuam, portanto, desempenhando sua tarefa, só que agora já não sob o comando de uma vontade humana nem de um impulso animal vivente, mas sim ao sabor do jogo de causas que esteja em ação no pedaço de terra onde o corpo esteja sepultado.

Assim, o ente individual servirá a Deus -- isto é, obedecerá à sua natureza -- em qualquer circunstância, mas dentro dos limites e do nível definido por essa mesma natureza. Se um ente perde a propriedade humana, continuará servindo a Deus, mas já não como homem, e sim como animal, sujeito às

leis do mundo animal; e assim por diante, de até a mineralidade, cuja obediência é exempl ponto de a alma do homem perfeito ser simbo por um cristal.(7)

Desse modo, o que se exige do homem quand exorta a "servir a Deus" é que não o faça segu jogo de tensões e repuxos causais que def esfera animal, vegetal ou mineral, mas como segundo a forma propriamente humana de obediên qual implica os três fatores que segundo o definem a condição humana, e que são a inteli objetiva (capaz de apreender o absoluto e o r vo), a vontade livre (capaz de optar pelo rejeitar o ilusório) e a linguagem lógica (cap abstração, isto é, de superar a particulari elevar-se ao universal). Quando se exorta o ho servir a Deus, a alternativa a que esta exorta opõe não é a possibilidade de que o homem dei servir a Deus de uma forma ou de outra, mas q deixe de ser homem. Em outros termos, que ele a servir a Deus por outros motivos e modos q os propriamente humanos, já que o duro sono do nerais e o jogo cego dos instintos animais sã bém, a seu nível, determinações da Natureza e, tanto, serviço prestado a Deus.

A inteligência humana é a inteligência porque pode conceber distintos graus de relati e distintas modalidades de reflexão, direta e reta, do absoluto no relativo: a vontade liv vontade livre porque se vê diante de um número finido de alternativas e pode escolher aque melhor reflita a absolutidade de Deus na na das coisas, dentro de um contexto particula uma contingência vivida pela sua individualida linguagem lógica é a linguagem lógica porque possibilidade da contradição interna e porque pela coerência do discurso, refletir a Unidade na e, portanto, reportar-se ao Infinito pela p ção da forma finita. Somente a obediência por três canais é propriamente humana, e somente três canais conduzem à identificação do homem

Vontade do Céu, como se vê pelo preceito cristão de que ninguém vai a Deus exceto por Jesus, e pelo **hadith:** "Ninguém encontrará Deus se primeiro não tiver encontrado o Profeta." Em ambos os casos o que se diz é que a ascensão à divindade é precedida pela realização da perfeição do estado humano, ou, em outros termos, que os Grandes Mistérios são precedidos pelos Pequenos Mistérios.

O célebre **hadith** -- "Meu escravo não cesse de se aproximar de Mim por devoções voluntárias, até que Eu o ame..."etc., contém de modo sintético todas essas distinções, na medida em que o "aproximar-se" implica a distinção do Absoluto e do relativo (inteligência), ou "não cessar" designa a concentração (vontade) e a "prática voluntária" designa precisamente a recitação ou **dhikr** (linguagem).

Do mesmo modo, pode-se entender a obediência livre, inteligente e voluntária, ao realizar a perfeição da "servidão" transforma a servidão em "amizade", como se vê pela sentença de Jesus (" Não vos chamarei mais escravos, senão amigos"), e, também, pela forma comum das palavras "santo" e "amigo" em língua árabe **(waly).**

Segundo todas as doutrinas tradicionais, o estado humano é condicional e pode ser perdido. Buda afirma que um nascimento em forma humana é um evento tão precioso e raro quanto o seria a coincidência de uma tartaruga, num lugar qualquer do Oceano, lograr passar a cabeça por uma argola atirada em qualquer outro lugar do mesmo Oceano. E aliás, basta a mais leve comparação com as outras espécies animais para constatar a insignificância numérica da espécie humana.

As tradições extremo-orientais estabelecem várias gradações de distinção entre níveis não-humanos e infra-humanos de existência, gradações que são exigidas pela doutrina das transmigrações. Mas, para as tradições monoteístas, todos os estados inferiores ao estado humano constituem, sem distinção, o "inferno", o que aliás é forçoso pela etimologia mesma da palavra.

E, do mesmo modo que nenhuma tradição de
a Onipotência de Deus, a qual rege mesmo os
infernais, assim também nenhuma postula a cor
de estados superiores fora da única via qu
identificação com o Homem Perfeito ou Profet
realização da plenitude dos três atributos hum

Vê-se por aí o quanto é monstruosa a pe
tiva que, sob o rótulo de "sufismo", afirma a
rioridade da obediência coercitiva -- identi
do-a com a perfeição --, e identifica a "verd
liberdade" com a "ausência de alternativa",
implica a desistência inicial da perfeição hum
a busca de uma forma lateral e forçosamente i
de obediência, a qual, não podendo ser a dos
nem a das pedras (nos quais um homem não
transformar-se conservando, ao mesmo tempo, a
exterior humana) só poderia ser a dos demôni
tes obviamente também são "servidores" a seu
obviamente, não têm alternativa, senão obe
continuar como demônios até o fim dos tempos,
que, abaixo deles, não há mais nenhum nível
gico para o qual possam cair. Daí que o Nada
eles, seja a única espécie de alívio concebív
o Nada não é nada.(8)

3

A farsa do "inconsciente pessoal"

Que o homem seja presa de tendências de
vas -- animalescas ou mesmo diabólicas --, as
às vezes atuam por meios inconscientes, e q
necessário expor essas forças obscuras à
consciência, para reprimi-las ou canalizá-las
do o caso, é algo em que a maior parte das co
da psicologia moderna concorda com as do
tradicionais. Melhor dizendo: é algo que semp
dito pelas psicologias tradicionais, e que a
las modernas copiaram, atribuindo a si o mér

uma descoberta que não lhes pertence. Mas, para piorar as coisas, a cópia não foi fiel: a psicologia moderna introduziu na noção das forças subconscientes uma ênfase peculiar, e também estabeleceu certos modos de lidar com essas forças, com as quais a perspectiva tradicional não pode concordar de maneira alguma.

O ponto fundamental de discordância é que as escolas modernas, com Freud à frente, encaram as forças inconscientes inferiores como pertencentes à alma individual, a serem reconhecidas como tais, "assumidas" e, em seguida, "sublimadas". Alguns psicólogos chegam a ver nessas forças a "verdadeira natureza" do homem, apenas encoberta por uma fina camada de proibições e tabus culturais, que seria necessário retirar para restabelecer a saúde e a naturalidade; o próprio Freud, evidentemente, nunca chegou a tais exageros.

Do ponto de vista tradicional, as forças inferiores não pertencem de modo algum à psique individual humana, e se um homem as assume como componentes da sua individualidade, ou da sua pessoa, está simplesmente se deixando dominar por elas e se rebaixando voluntariamente ao nível do animalesco ou do diabólico. Se tais forças, uma vez assumidas como se faz na psicanálise e em outros tratamentos do mesmo gênero, podem em seguida ser sublimadas ou socializadas, de maneira que o animalesco continue presente, mas sob forma disfarçada e socialmente aceitável, isto só é possível na medida mesma em que a própria sociedade à qual se procura adaptar o indivíduo tem algo de animalesco e de diabólico. Há uma diferença radical e inconciliável entre a sublimação-socialização, tal como a entendem a escola freudiana e seus similares, e a efetiva vitória do homem sobre as forças inferiores, tal como se realiza nas escolas espirituais das tradições, por métodos que nada têm em comum com os de qualquer psicoterapia moderna. Essa diferença é a mesma que existe entre um animal feroz adormecido e um animal doméstico. O primeiro mostrará as garras tão logo desper-

te.

Segundo as doutrinas tradicionais, a pos
uma alma individual -- isto é, dotada de uma
própria e diferente em cada caso -- é uma ca
rística exclusiva da espécie humana. As demais
cies, animais e vegetais, têm apenas uma "alma
tiva", denominada geralmente o "gênio da esp
De modo que, nessa perspectiva, somente aquilo
propriamente humano -- isto é, caracterizado
três atributos que definem o homem: inteli
objetiva, vontade livre e linguagem -- pode s
conhecido como pertencente à alma individual,
mais provindo de um resíduo da animalidade no
resíduo este que é por sua própria natureza co
e impessoal. A presença de quaisquer elemento
malescos ou diabólicos no homem deve ser vista
pre como uma intrusão, e o invasor deve ser e
para que a alma individual recupere sua integr
Qualquer tendência inferior, longe de perten
âmbito da própria alma, já é, por si mesm
sinal de decomposição da alma, de sua desagr
sob o impacto de forças psíquicas estranhas e
manas que ultrapassaram a sua capacidade de
consciente. Portanto, assumir essas tendências
se fossem próprias da individualidade (sem co
aberração de considerá-las a verdadeira nature
pessoa), assumi-las ao invés de combatê-las,
verdadeira inversão do processo de cura da
Equivale a colocar a consciência a serviço da
personalização do homem; aquele que se ent
tais experiências torna-se vítima inerme e p
xalmente satisfeita das influências desagregad
desumanizantes que atravessam a sociedade atua
rajadas de ventos furiosos.

Na perspectiva tradicional, o que o home
de conscientizar não são supostas forças infe
próprias da alma, mas, justamente ao contrário
quezas de uma alma que, sem deixar de ser h
pode no entanto ser invadida e dominada por
estranhas. Daí que o conhecimento da próprie
seja, na perspectiva tradicional, uma consc

aguda e permanente da própria fraqueza -- e, portanto, uma busca constante de apoio nas verdades universais --, ao contrário do que ocorre em tantas psicologias modernas, onde o suposto "autoconhecimento" de forças animalescas e diabólicas produz uma autosatisfação estúpida e pretensiosa, que já é, em si mesma, algo de animalesco e diabólico.(9)

4

Meditação

Existe, hoje em dia, muita confusão a respeito do que seja **meditação.** Em geral confundem-na com algum estado de quietude e repouso interior, que antes constitui um simples "relaxamento" **(relax).**

A confusão é propositadamente alimentada por organizações contra-iniciáticas, que procuram ganhar adeptos mediante o apelo à busca de um alívio fácil para angústias vulgares.

Meditação é uma operação pela qual a mente, partindo de dados firmes da doutrina, escapa aos erros e volteios anárquicos do pensamento vulgar, "ditando-se" uma lição sobre um ponto de doutrina. A meditação é meio presa, meio livre, de modo a "reconduzir" suavemente ao fio central o movimento da mente. Seu exercício pressupõe duas condições: (a) o conhecimento da doutrina, e também dos símbolos, que permitem pela analogia "recuperar" para o tema central eventuais movimentos laterais espontâneos da mente; (b) uma técnica de prece e concentração, que estabelece o fio continuado do tema.

A meditação é circular, ou antes esférica, no sentido de que todos os planos da alma são convocados a integrar-se no tema central, constituindo uma totalidade harmônica que é em sua completude uma **imago mundi,** portanto uma **imago Dei.**

Em suma:

1. A meditação é uma operação do pensam (e, portanto, da linguagem), não sendo possível fundí-la, de um lado, com estados propriamente templativos, silenciosos, aos quais justamente conduz e para os quais concorre. Em árabe, a m palavra que designa "pensar" significa ""medit **fikr,** que é uma operação complementar ao **dhikr** citação, concentração). O **fikr** recorda a dout para que o **dhikr** recorde Deus.

2. A meditação é essencialmente ativa sentido em que a vontade deliberadamente conduz pensamentos na direção certa.

3. Obstáculos mentais que podem interromp meditação (culpas, imaginações compulsivas) se obstáculos muito mais graves a um estado contem tivo puro; a mente, que não está treinada pela m tação, não alcança tal estado.

4. As culpas e temores devem ser remov antes da meditação para não cortarem abruptament seu fio, donde se conclui que sem os ritos prel nares de purificação a meditação é impossível.

5. Muito menos deve-se confundir a medita seja com a oração, seja com a recitação cont (prece jaculatória), e certamente ela nada tem a com estados de "bem-estar" meramente auto-hipnót e com um desfile de belas imagens pela mente.(10

5

Passividade

Em certos meios, louva-se muito, hoje em d "passividade", que se supõe representar uma esp de suma das qualidades propriamente femininas oposição à "atividade" masculina.

Tais oposições, como se apresentam no linguajar dos meios "ocultistas", são sempre suspeitas, não em si mesmas, é claro, porque representam polaridades que obviamente têm alguma realidade em seu próprio nível, mas no uso que delas se faz, o qual é no mínimo simplista e grosseiro, e na pior das hipóteses voltado deliberadamente à confusão mediante o jogo do duplo sentido.

Se há um ponto pacífico na Tradição unânime, é o que define a postura de "homem verdadeiro" como a de alguém que é passivo em relação ao princípio e ativo em face da manifestação. O Profeta -- ou o iniciado que, na escala da realização mística, o representa -- tem assim uma dupla face, uma voltada para o Céu, outra para a Terra. A primeira face é passiva, e corresponde à atitude de obediência do servo em relação ao Senhor; a segunda, ativa, corresponde ao papel de profeta-legislador, portanto de governante e chefe militar, juiz e mestre. O aspecto passivo, cuja perfeição é, de um lado, a anulação da vontade própria em face do comando de Deus, e de outro lado a "brancura" ou pureza da inteligência apta a refletir sem alteração a verdade, corresponde efetivamente a um aspecto, por assim dizer, feminino da perfeição, e por isto ele pode ser representado por uma mulher(11). O Modelo, neste caso, é a Santa Virgem -- sobre ela a Paz --, que na Cristandade representa o cume da perfeição humana e no Islam tem mesmo o estatuto de profeta.

Embora essencialmente feminina, a virtude da obediência é ocasionalmente simbolizada por tipos masculinos, como Abrahão -- sobre ele a Paz.

Do mesmo modo, a segunda função é essencialmente masculina, não faltando porém casos em que acidentalmente a virtude do comando profético seja concedida a uma mulher, como no caso de Sta. Joana D'Arc.

Dentro do Ternário dos mundos -- Céu, Terra, Homem -- e dentro dos ternários derivados que o prolongam para dentro do mundo humano (corpo, alma, espírito; alma sensitiva, alma volitiva, alma intelectiva, etc.), a atividade e a passividade combinar-se de muitas maneiras, sendo que, c menos universal e mais particular o nível de cação, mais é arriscado atribuir uniformemer passividade ao feminino e a atividade ao mascu atribuição esta que só tem validade plena ao do Homem Universal, tendendo a ser substituída graus inferiores, pela multiplicidade de combir que constelam a gama toda das possibilidades viduais.

6

Pedantismo

.Hoje em dia, cada qual julga-se no direit rotular como "pedante" o emprego de qualquer pa que ele particularmente não conheça, ou com a não esteja pessoalmente habituado.

Como são por definição os mais ignorantes ignora o maior número de palavras, o vocabu socialmente admitido restringe-se dia a dia mesmo tempo que proliferam os termos de gíri sons inarticulados e as corruptelas de pal estrangeiras; e como todos estes termos depenc moda e são portanto de curta duração (sem c ainda as gírias puramente locais, que restr ainda espacialmente o vocabulário), vemos comunicação de quaisquer idéias se torna a cada mais difícil. O crivo de cláusulas restritivas, vez mais apertado, acaba por fazer com que mes expressão das idéias mais simples e patent torne um desafio de gigante, a não ser para restrinja voluntariamente seu público.

A inveja, o complexo de inferioridade, o r sismo e a tirânica auto-afirmação dos mais igr tes e grosseiros toma o lugar da ciência e da tura, para não falar da sabedoria.

De mero recurso de crítica e correção est

tica que era, o rótulo de pedantismo transformou-se num instrumento de opressão que faria inveja à propaganda nazista, e prenuncia, hoje, o reinado do Supremo Imbecil, que é o Anti-Cristo.

O capricho fútil de multidões de tiranetes -- cada qual julgando-se padrão e norma para toda a humanidade -- tornou-se o supremo critério de valor e veracidade. A leviandade das avaliações contrasta com o peso aterrador das penalidades que decreta.

Diria que hoje o temor ao julgamento dos imbecis pesa como uma espada de Dâmocles sobre todos os que escrevem, se não estivesse seguro de que ninguém mais conhece a expressão "espada de Dâmocles" e não temesse incorrer no crime de "pedantismo".

7

Lixo mental

O "lixo informático" de hoje em dia produz necessariamente na psique de cada qual um "lixo mental" constituído de palavras soltas, sons inarticulados, associações de idéias sem nenhum sentido, trocadilhos automáticos, para não falar de resíduos de pornografia e pornofonia em toda a sua presença contínua e obsedante nos ouvidos e na memória.

Essa "cortina de sujeira" é um dos principais obstáculos à concentração, que é uma condição indispensável da prece e de outras práticas espirituais.

O "ruído psíquico" excita, irrita, atrai, dispersa, move e derruba o mais bem intencionado principiante.

Ele existe e é fortalecido diariamente pelos meios de comunicação, pelos cartazes luminosos, pelo falatório oco dos bares e restaurantes, pela exibição maciça e inconseqente de objetos de consumo e de desejo acima das possibilidades de aquisição, e por mais mil e um estímulos, que fazem do mundo atual uma imagem do inferno. Entre esses estímulos,

não se deve esquecer as práticas psicológicas versas que procuram atrair e fixar a atenç indivíduo nessas insignificâncias, como se "terapia" Fischer-Hoffmann.

Muitos procuram fugir disso -- bem como d vialidade opressiva da vida social -- fugindo ermo e buscando "a natureza". Mas, por um l natureza se encontra aviltada pela presença ob te das máquinas e cartazes do mundo moderno, outro lado essa fuga é ela mesma alimentada sociedade industrial, a título de derivativ sua vez industrializado sob várias modalidad "turismo", com ou sem vernizes ideológicos n listas. A fuga remete de volta obsessivamen ponto de partida.

O "lixo" **vem** da sociedade industrial, mas vez assimilado, ele não está aqui nem ali, geo camente, mas na mente, na alma do indivíduo. quem foi sujado foi a alma, é a alma que tem limpa.

Para limpá-la, é preciso, primeiro, não çar o lixo com conversas ocas, piadas gross gracejos bobos e trocadilhos que excitam os a tismos mais baixos da mente inferior. Também n deve alimentá-lo com um linguajar inarticulado samente "espontâneo": é preciso esforçar-se falar claro, com frases completas, porque a p ção da forma atrai a inspiração correta, já Espírito é irresistivelmente atraído pela bel pela integridade, e já que a lógica e a gra são o princípio da integridade do pensamento, retórica é o princípio da beleza do discurso.

Em terceiro lugar, é preciso tirar p dessa base constituída pela linguagem, para da ma aos atos, e daí aos sentimentos, para o prece mesma, bem como a lei, constitui o ma cioso instrumento.

VII

Moralidade sem Deus?*

Até uns séculos atrás, o ateísmo era cons
do uma simples imoralidade. "Libertinismo"
dos seus sinônimos. Hoje fala-se de uma "mora
leiga" ou mesmo de uma "moral agnóstica", como
evidente por si mesma e que não necessita es
justificação.

Nesse contexto, supõe-se que todas as qu
morais estão na dependência exclusiva de
"princípios" mais ou menos convencionais a
pela coletividade, e que portanto podem ser re
dos segundo critérios unicamente humanos, sem
recurso a uma instância "divina".

Os mesmos "princípios", acredita-se, pode
aceitos tanto pelos ateus quanto pelos crentes
ou não crer em Deus passa a ser uma questão su
va, a ser decidida no foro íntimo de cada um,
das discussões objetivas sobre a moralidade s
sobre as quais ela não deve exercer nenhuma in
rência relevante.

Em suma, a moralidade passou da alçada re
sa para a esfera puramente jurídica, educacion
política, e todo apelo à idéia de Deus, torna
caso, uma intromissão indesejável de conside
"metafísicas" -- no sentido corrente e pejorat
palavra, isto é, de algo absolutamente inverif
e hipotético -- no contexto de uma discussão q
poderia ser resolvida inteiramente por meios "
nais", isto é, mediante o apelo, por exemp

---

* Publicado no **Jornal da Tarde** de 27 de fevere
1982. Reproduzido sem alterações.

interesse coletivo, aos sentimentos humanos corriqueiros, ou a qualquer outro critério puramente humano.

Se o crente, apesar disso, insiste em imiscuir Deus na moralidade, admite-se cortesmente que o faça, e admite-se isso em nome de um princípio de "tolerância", que, por sua vez, também não é o divino, mas humano, o que resulta em afirmar implicitamente que o homem é melhor para Deus do que Deus para o homem.

Embora irremediavelmente viciosa, essa postura está tão disseminada hoje em dia, que mesmo os sacerdotes dos vários cultos (para não dizer a massa dos fiéis comuns) aceitam discutir nesses termos, como se vê em congressos filósoficos e educacionais onde o ponto de vista "católico" ou "judaico" é apresentado em pé de igualdade com outros tantos pontos de vista puramente humanos e contingentes, como se o catolicismo ou o judaísmo fossem simples escolas filosóficas mais ou menos recentes e improvisadas como o marxismo, o behaviourismo, a psicanálise, etc. Como se pudesse haver uma medida comum entre as religiões reveladas e as opiniões individuais.

Quando consideramos que os códigos morais da civilização ocidental derivam todos de alguma fonte religiosa ou espiritual -- seja pelo cristianismo, seja pela influência judaica, helênica ou muçulmana, seja pelo Direito Romano, que por seu lado também não era de origem "puramente humana" mas estava ligado a todo um complexo mítico e ritual -- podemos nos perguntar como foi possível, em menos de três séculos, uma alteração tão profunda.

Associa-se geralmente esse fenômeno à disseminação, a partir da Renascença e sobretudo depois do século XVIII, de vários tipos de ateísmos "científicos", como o evolucionismo, o pragmatismo, o positivismo, em suma, ao que se denomina o "advento da modernidade".

Essa explicação é mais ou menos corre
com duas ressalvas. Primeira que o processo
inicia na Renascença, mas remonta ao sécul
quando fatos de natureza puramente política e
na da Igreja desencadearam a destruição da
cristã-medieval do cosmos, muito antes dos de
mentos científicos aos quais se atribui erron
essa destruição. Tais fatos são demasiado co
para explicar aqui, mas já me referi mais e
mente a eles num livreto publicado algum temp
(1), sendo desnecessário repeti-los aqui. Ba
zer que eles levam à conclusão de que está i
mente errada a concepção popular segundo a q
o "progresso científico" que destruiu a prima
concepção cristã na cultura ocidental.

Em segundo lugar, se a disseminação do
foi a causa genérica da ascensão da mor
agnóstica, destaca-se, entre as manifestaç
ateísmo, uma especificamente, que por sua f
convicção pode ser considerada a determina
atitude moral contemporânea, ou pelo menos s
relevante justificação.

Trata-se da divulgação pelos antropó
etnólogos, da diversidade de códigos morais n
rias culturas. Os antropólogos associam essa
sidade à variação nas instituições políticas
nômicas, nas formas de adaptação do homem
natural, nas estruturas familiares, etc. Isso
evidentemente a mostrar o caráter adaptativ
cundário da moralidade e, portanto, a **aboli
idéia de uma moralidade absoluta de origem di**

Os livros clássicos, nesse sentido, são
Bronislaw Malinowski e Ruth Benedict, entre
que se tornaram modelares como padrões da
científica ante as demais culturas.

A atitude de "isenção imparcial" do antr
exige que ele se limite a descrever as difere
padrões morais entre as várias culturas, sem
ciar-se sobre a superioridade de uns sobre os
nem sobre a verdade ou erro de cada um em p
lar. Restaria perguntar se essa "isenção" cr

dições para uma objetividade, como parece à primeira vista, ou se ela já não constitui um **parti pris** que vicia todas as conclusões.

Na realidade, para situar-se imparcialmente ante todos os códigos morais, o cientista deveria ou possuir um outro código, intelectualmente superior a todos eles -- que os abrangesse e superasse dialeticamente, constituindo-se como um eixo permanente do qual derivassem como variações ocasionais -- ou, caso contrário, colocar-se num ponto de vista simplesmente amoral ou indiferente. A primeira hipótese está excluída porque tal alegação de superioridade não seria "científica", e de fato os antropólogos jamais a adotam. Quanto à segunda hipótese, que de fato é a da maioria dos cientistas, não se compreende como uma atitude indiferente poderia levar a outra coisa senão à indiferenciação, ou seja, a encarar todos os códigos morais como igualmente irrelevantes. Em outras palavras, não se vê como a indiferença poderia ajudar a captar, precisamente, diferenças.

Resta ainda uma terceira alternativa, que é a de o cientista colocar-se numa posição ativamente antimoral ou imoral, de modo que a descrição das várias moralidades resultasse em relativizá-las todas de tal modo que, vistas juntas, assumissem o aspecto de uma absurda galeria de erros, esquisitices regionais e preferências arbitrárias. Parece-me que é justamente isso o que acontece em grande número de obras antropológicas, mesmo quando o autor tem uma atitude de simpatia para com a cultura em apreço, pois vai tratar-se então de uma simpatia meramente sentimental, que em nada contribui para a apreensão intelectual da validade universal dos padrões morais dessa cultura. E se não é para descobrir em cada cultura seus valores universais e permanentes, para que estudá-las?

Se a proclamação do relativismo cultural dos códigos morais resultou em abolir toda autoridade moral objetiva, teve ainda o dom de transformar o indiferentismo moral -- ou imoral -- dos antropólo-

gos na única atitude moral aceitável, porque "científica".

Com isso, não estou negando o **fato** da v dos códigos morais, mas apenas o modo de enc e as conclusões que se tiram dele. Porque códigos morais divergem, não é menos verda cada um deles se apresenta como verdadeiro esta reivindicação de uma verdade faz parte d reza mesma dos códigos morais. De modo que, uma: ou estão todos errados -- o que impli condenação global da inteligência humana, con da qual não estaria isento o antropólogo que ferisse --, ou então a variação mesma deve encarada como uma pluralidade de aspectos da verdade. Cada código moral seria então vis uma adaptação temporal e contingente de uma Lei supratemporal e, em sua essência, invariá seja: de uma Lei divina. Isto significa que o da diversidade dos códigos morais teria de se como uma aplicação particular de um conhecime "moralidade universal" emanada da **philosophia nis**, ou unidade transcendente das religi Como, porém a hipótese de uma Lei transcen imutável está fora da esfera do antropólo variações acabam não sendo referidas a nenh comum, com o que se acaba caindo num contr lógico que, na terminologia escolástica, ser diferença de espécies sem comunidade de gêner dendo-se de vista toda essência permanente d meno "moralidade", o fato mesmo da variação é lutizado, sendo que o termo "variação" é já relativo a um sujeito lógico que varia.

Liquidada a hipótese de uma moral ob fundada no absoluto, a perspectiva que restav de um puro acordo entre sentimentos, desejos teresses humanos, individuais ou grupais, e é que se reduz o conceito atual de moralidad conceito, por sua própria natureza, implica nivelação das "preferências" morais, e as di cias eventuais terão de ser decididas, enfim, critério simplesmente numérico ou "democr

Neste sentido, basta que um número considerável de pessoas se decida a defender uma aberração qualquer, para que ela se torne uma preferência moral legítima, com todo o "direito" de ser exercida. Claro que, crescendo o número de reivindicações divergentes, as mais estapafúrdias esquisitices individuais e grupais serão admitidas como formas variantes de "moralidade", e o acordo final terá de se estabelecer em torno de "preceitos mínimos" que possam ser aceitos por todos indiferentemente, isto é, em torno dos sentimentos mais vulgares e corriqueiros.

A discussão da moralidade, assim, tende a transformar-se numa simples disputa eleitoral ou de mercado. Nesse panorama, a moralidade "absoluta" do crente passa a ser apenas uma preferência entre outras, sem nenhum direito especial, e a defesa de Deus terá de concorrer, no mercado livre, com a defesa da homossexualidade e do sadismo, do aborto ou do racismo. Nenhuma das igrejas terá nada a reclamar, quando seus adversários as acusarem de estar disputando sua freguesia ou cabalando eleitores.

É evidente que, ao aceitarem a discussão nesses termos -- mesmo que seja pelas melhores intenções --, os crentes de todas as religiões reveladas já as colocam numa posição de inferioridade, de modo que, como se diz no refrão popular, com tais amigos, para que a religião precisará de inimigos?

Em toda a discussão moral contemporânea, parace que há um ponto que é sempre passado em branco. Se toda moralidade se pretende verdadeira, então um certo caráter absoluto, ou, se quiserem, absolutista, faz parte da essência mesma da moral, e, neste caso, poderíamos perguntar se uma "moralidade relativa", como se pretende hoje em dia, constitui moralidade de qualquer espécie que seja, ou se não é apenas uma ausência de moralidade.

É importante notar que o que se afirma hoje não é apenas a relatividade deste ou daquele código moral em particular, mas a relatividade da moral. Como ela se apresenta sempre sob formas variadas, conclui-se daí, num sofisma bastante sutil, que essa

variabilidade está na essência da moral, e nã
nas nas condições contingentes -- históricas
ciais, etc. -- em que ela se manifesta. A "
imparcial" do antropólogo é uma forma de nomi
moral.

Quanto aos padrões morais particulares,
sempre foram relativos, como se vê pelo senti
mo da palavra **mores,** "costumes", isto é, alg
por si não afirma validade universal, mas apen
conjunção temporária de fatores.

Ocorre que todas as leis morais do passa
lativas em si mesmas, postulavam-se no entant
originadas no absoluto, ou seja, como expres
reflexos temporais, e portanto necessariament
tivos, de uma verdade supratemporal e absolut

Nesse sentido, a moralidade, como a int
cia mesma -- se me permitem utilizar uma ex
paradoxal de Frithjof Schuon -- goza de uma c
"relativamente absoluta", no sentido de uma p
ou reflexo do absoluto no tempo. E está claro
variações de um reflexo não indicam a incon
da fonte de luz, mas da superfície refletante
sombras projetadas pelo sol numa folhagem
pelo vento.

As leis morais, relativas porque feita
homens, são absolutas porque não foram feit
homens, mas apenas recebidas por estes, e s
aos limites e variações do receptor. Se o c
mento é, precisamente, a redução da multipl
fenomênica à unidade de um princípio, a cons
das variações morais só teria sentido intelec
conduzisse à constatação de uma unidade pri
(3) e supra-histórica. Mas isto é exatamente
trário do que faz a antropologia (4), a qual
solvendo a unidade da moral numa variação ab
zada, só pode levar à multiplicidade e à conf

Quando se fala de "projeção do absoluto
po", isto não se refere apenas aos códigos
mas sim a toda a Lei revelada (da qual, a
aspecto moral não é senão uma parcela entre m
Em todas as tradições espirituais, a revelaç

pre foi entendida como uma "descida" de um plano a outro -- o absoluto consentindo falar a linguagem do contingente --, o que implica um certo caráter paradoxal da verdade revelada. Do ponto de vista linguístico, Schuon, observa que, em todos os textos sacros, a revelação "estoura" os quadros gramaticais e semânticos de um idioma simplesmente humano, remanejando-os e, de certo modo inaugurando uma "nova" língua, como o **Pentateuco** inaugura o hebraico e o **Alcorão** o árabe.

A moral, por isso, sempre apresentou duas faces: uma absoluta, voltada para sua raiz na eternidade; outra relativa, reflexo da eternidade no tempo. O simplismo dos tempos modernos sempre sentiu esse paradoxo como insuportável, tentando liquidá-lo pela supressão de um dos termos, sistematicamente o primeiro deles.

Ora, a moralidade atual não é **apenas** relativa, como o foram todas as que a antecederam, ela é **relativista,** o que é totalmente diferente. Ela não apenas tem um atributo de relatividade, como todas, mas **funda-se** na relatividade enquanto tal. As moralidades anteriores limitaram-se a aceitar a relatividade **de facto,** como fatalidade inevitável da condição humana. A moralidade atual deseja essa relatividade e a proclama como uma superioridade **de jure,** fazendo seu princípio e sua bandeira.

Nesse sentido, mesmo a palavra "relativista" não é suficiente, pois um relativista **de jure** é uma negação ativa do absoluto, e portanto a moralidade moderna é essencialmente **negativa** ou negativista.

A questão toda, então, resume-se na pergunta: em que medida uma negação pode servir de fundamento para o que quer que seja?

Claro, pode-se partir de uma negação para fazer um raciocínio filosófico, que procederá então por uma seqência de precisões e distinções, isto é, por negações sucessivas e progressivamente particularizadas. Mas está claro que, na análise lógica como na análise química, a divisão em partículas cada vez menores pode prosseguir indefinidamente, abrindo-se

enfim apenas para os sucessivos abismos do in
simal. O correlato moral da partição infini
da matéria é **a dúvida:** pode-se prosseguir q
nando e duvidando indefinidamente, mas ninguém
que isto serve de base para um código moral,
existe para criar dúvidas, mas para apoiar a
e a ação. O preço moral de uma opção pela
interminável é a perplexidade paralisante da
eterna.

Por outro lado, a moral negativa, não p
por definição, firmar um conteúdo moral po
deverá proceder por negações, isto é, por res
e proibições, que, por sua vez, poderão parti
zar-se progressivamente até abarcar detalhes
nificantes, o que é precisamente a tendên
Estado burocrático moderno, o qual se permit
lamentar assuntos que as sociedades tradi
preferiram deixar a critério de cada qual.

A moralidade leiga, portanto, constituir
nas um código jurídico de penalidades, e não
digo de valores positivos que sirva de base
decisão e, portanto, para o fortalecimento da
nalidade humana.

Daí a associação, comum entre jovens d
entre "moral" e "repressão", pois, jamais
conhecido um código moral que remeta para
para o absoluto e para o sentido da existênc
podem imaginar a moral como um impedimento
agressão.

Claro que a moralidade negativa, procede
negações sucessivamente particularizadas, t
tomar como parâmetro o mais baixo e o ma
pois, de um ponto de vista "científico", o
uma realidade positiva e a ascenção do home
dimensão transcendente é apenas uma hipótese
outras, matéria de conjetura e não de decisão
ca. A moralidade negativa só pode surgir,
numa sociedade que encara o pior como norma,
e o feio como "realidade", e o bem, a verda
beleza como vagos ideais inatingíveis, o que
uma condenação a todo o cosmos.

Contraditória de um ponto de vista lógico, a moral agnóstica é também uma impossibilidade psicológica, por um motivo muito simples. Na tradicional divisão ternária do ser humano -- corpo, alma, espírito -- a moral diz respeito especificamente à alma, ou seja, ao campo das emoções, volições, desejos, etc., das quais nossos atos emanam como simples projeções corporais.

Ninguém terá dúvidas em compreender que nossas emoções dependem de nossas representações simbólicas, isto é, que nosso código simbólico pessoal e grupal firma algumas coisas como desejáveis, outras como destestáveis, temíveis, etc., e que essa "montagem" simbólica, por sua vez, "canaliza" a energia das emoções, produzindo comportamentos.

Toda moral depende, portanto, de uma hierarquia de símbolos. Os objetos de afeto que colocarmos no topo da hierarquia decidirão, em última análise, os comportamentos e reações morais secundários. Por mais ilógica que seja a escolha desse valor supremo, bem como dos símbolos que o corporificam, a estrutura interna da hierarquia simbólica tem uma certa coerência lógica, pois se colocamos, por exemplo, o prazer da vida corporal no topo, e o simbolizamos pela imagem de **status**, de riqueza, de luxúria, está claro que no degrau seguinte da hierarquia não poderá estar um símbolo de pureza virginal ou de abnegação no sacrifício. Toda a arte tradicional, aliás, baseia-se na realidade e coerência dos símbolos, de modo que a "liberdade" artística atual no sentido de utilizar qualquer símbolo com qualquer sentido pode ter conseqências psicológicas imprevisíveis.

Toda a questão da moral resume-se, assim, na pergunta: qual o nosso objeto de maior afeto, e como o simbolizamos? A que dirigimos o maior volume do nosso fluxo de energias psíquicas?

Nem todos os objetos de afeto podem ser representados com a mesma facilidade, e pelos mesmos meios. Se o que mais amamos é apenas uma pessoa, podemos representá-la mediante uma simples recordação, sem nenhum grande esforço. Mas se adotamos um

ideal abstrato, por mais vulgar que seja, social" por exemplo, a representação disso e um esforço maior, e já não poderá ser uma rep tação meramente subjetiva, pois neste caso para nós é a paz para um outro pode ser o símb desorden e da violência, e assim nossa est afetiva estaria permanentemente ameaçada de c tação desde fora. Ou seja, quanto mais univer objeto de afeto, maior esforço de objetividade rá implicado na sua representação, e maior o que deveremos ter para nos motivar a isso.

Isso significa que a quantidade e qualida esforço que fazemos para representar -- para cer -- nosso objeto de afeto já é um sinal d universalidade, e portanto da sua qualidade o va.

Ora, se o objeto de amor mais alto é aquele que demanda maior esforço concentrado p conhecimento da sua universalidade, está cla a única noção que cumpre essa exigência é a no Absoluto, justamente porque o absoluto está ac todas as representações. Ele constitui o obje afeto por excelência, pois seu conhecimento d o melhor de nós mesmos, num esforço concentra faz com que esse amor tenha o dom de nos torna lhores, e que portanto seja o único amor q certo modo, traz em si sua própria recompensa. as demais formas de amor não são senão refle símbolos desse único "ser" ao qual jamais pod amar tanto quanto lhe cabe por Sua consti ontológica mesma, ou antes, por sua consti supra-ontológica. Como esta ascensão progress amor, pela concentração, pela devoção e pelo ço, constitui o que propriamente se chama as purificação, todas as formas de amor são neces mente um tanto ascéticas, sob pena de não sere de maneira alguma.

Mais ainda, como toda hierarquia afetiv portanto moral -- emana desse mesmo paradig compreensão de todos os códigos morais tempo particulares depende da nossa própria proximid

relação ao Absoluto, ou seja: toda objetividade intelectual perante a diversidade dos códigos morais só se pode estabelecer "desde cima", desde um amor modelar e tão alto que possa abranger sinteticamente todas as outras possibilidades de expressão, e nunca "desde baixo", desde uma simples postura artificial de indiferença acadêmica, que não é mais do que insensibilidade senil.

Em suma: todos os códigos morais só podem ser compreendidos a partir da moralidade absoluta. Neste sentido, os grandes santos e mestres das várias tradições, uma vez tendo alcançado o estado supremo, podem inclusive transcender as formas contingentes da sua própria tradição (seja nos aspectos rituais ou morais), pois o absoluto é o ponto central da **coincidentia oppositorum,** onde as divergências dogmáticas se reabsorvem numa unidade superior. Como dizem os muçulmanos, "as divergências entre os doutores da religião também são uma dádiva da misericórdia divina".

Entretanto, essa superação das formas só é possível após a absorção integral da tradição a que pertencemos, pois ninguém se tornará um santo sem ter antes sido um fiel. Esta advertência é de resto óbvia, mas talvez seja preciso repeti-la numa época em que ateus e materialistas confessos se permitem pregar a "superação dos formalismos religiosos", como se esta superação pudesse ser outra coisa senão o resultado final da obediência estrita aos mesmos formalismos, e como se o rígido legalismo judaico não tivesse tido de vir **antes** da pura espiritualidade interior, que não foi trazida pelo Cristo para abolir a Lei, mas para cumpri-la.

Mohyyddin Ibn-Arabi disse que seu coração era "tanto a Kaaba do peregrino quanto a cela do monge cristão ou as tábuas da **Torah** ". Mas disse-o **depois** de reconhecido como um muçulmano exemplar, como um santo e como a maior figura do Islã depois do profeta Mohammed. Não deixa de ser um exemplo para aqueles "cristãos" que, em nome de um universalismo puramente inventado e abstrato, falam hoje em "superar o Cristianismo em nome do Cristo".

As diferenças entre os códigos morais da
rias tradições **resolvem-se** desde cima, na pe
tiva universal daquele que se tornou um "ami
Deus" e que pode restituir a cada variante su
cela na verdade total, e **dissolvem-se** desde
no indiferentismo relativista da "imparcia
científica" ou no universalismo abstrato do p
espiritualismo que despreza a autenticidade d
religião e cada código em particular. Por is
diz que nada é tão parecido quanto a verdade
um erro, e que Satã é o imitador, o macaco de

Resta ainda a hipótese de, embalados por
dos sentimentalismos contemporâneos, elevarmos
ideal parcial -- a paz social, a liberdade, a
cidade, o amor humano, ou seja lá o que for
condição de absoluto, e o cultuarmos em seguid
isto é a definição mesma da idolatria, e não
ter sido para isto que Moisés queimou o bezer
ouro, que Mohammed invadiu a Kaaba para quebr
ídolos, ou que o Cristo, num de seus mais su
paradoxos, respondeu ao suplicante: "Por q
chamas **bom?** Só Deus é bom".

NOTAS

I

1) Martin Lings, **A Sufi Saint of the XXth Cent** London, Allen & Unwin, 1971, p. 176.

III

1) Não se deve confundir a disseminação d "profecias" com a difusão honesta das dou tradicionais -- por exemplo, vedantinas -- sob ciclos cósmicos. No primeiro caso, o que se criar um ambiente de confusão pela prolife desordenada de anseios e temores, que predisp as massas ignorantes a aceitar de braços ab qualquer farsante que lhes ofereça como sal algo que não passa de um simulacro de alívio, noso e fugaz. No segundo caso, a mesma profund e complexidade da doutrina impede as simplific grosseiras ao gosto do público vulgar, e demand leitor uma atitude interior bem diferente d Conforme, de um lado, René Guénon, **Le Règne d Quantité et les Signes des Temps**, Paris, Galli 1945 (Chap. XXXVII, "La duperie des prophécies" de outro, Gaston Georgel, **Les Quatre Âge l'Humanité. Exposé de la Doctrine Traditionelle Cycles cosmiques**, Milano, Archè, 1976.

2) A criteriologia das comparações entre reli foi estabelecida de modo definitivo por Fri Schuon em **De l'Unité Transcendante des Réli** Paris, Le Seuil, 1979. Há tradução brasil muito rara, de Fernando Galvão: **Da Unidade Tran dente das Religiões**, São Paulo, Martins, 1950.

3) Sobre a definição de Tradição, v. Seyyed Hossein Nasr, **Knowledge and the Sacred,** New York, Crossroads, 1981 (Chap. II, "What is Tradition?").

4) Os ritos, portanto, exigem o concurso de uma dupla ordem de influência: de um lado, as influências **espirituais,** divinas, que asseguram a direção "ascensional" e "centralizante" da sua prática; estas influências são asseguradas pela revelação e pela ortodoxia que a transmite; de outro lado, influências **psíquicas,** fornecidas pela concentração da massa dos crentes e que garantem a reverberação "horizontal" das influências espirituais sobre toda a comunidade humana em questão. Os pseudo-ritos, portanto, contêm apenas a parte psíquica, o que lhes garante um simulacro de eficácia. Cf. René Guenón, **Aperçus sur l'Initiation,** Paris, Éditions Traditionelles, 1983.

5) Em última instância, a obediência integral aos preceitos formais da religião é um critério infalível para a distinção entre "mestres espirituais" verdadeiros e falsos. Como escreveu o grande sufi Bayazid al-Bistami: "Mesmo que você veja um homem dotado de poderes miraculosos ao ponto de erguer-se no ar, não se deixe enganar por ele, mas investigue se ele observa os divinos preceitos e proibições, se ele permanece dentro dos limites da religião e se ele cumpre os deveres que ela lhe impõe." (Cit. em Whitall N. Perry, **A Treasury of Traditional Wisdom,** Pates Manor, Bedfont, Perennial Books, 1981, p.943). Que também, por outro lado, ninguém se deixe enganar pelas citações de casos de mestres espirituais autênticos que, em certos casos, permitiram ou ordenaram a seus discípulos ações que contrariavam, aparentemente ao menos, o texto da lei religiosa. Esses casos são hoje abundantemente citados em defesa de aberrações que os pseudo-gurus cometem ou ordenam diante de seus estupidificados discípulos. Mas os discípulos não sabem, e os pseudo-gurus não lhes contam, que se "há casos em que um guru ordena,

provisoriamente e tendo em vista determinada ção de alquimia espiritual (do discípulo) que, **sem prejudicar a ninguém,** são contr Lei..., ou antes às "prescrições", tais como no Hinduísmo, e, no Ocidente, sobretudo no Ju **em nenhum caso poderia tratar-se de infraçõe ves à ordem pública."** (Frithjof Schuon, **Rega les mondes anciens,** Paris, Editions Traditio 1976, pp. 66-67 e nº 1). Não é necessário e cer que, no contexto islâmico, a ingestão de alcoólicas, o aborto ou a prática irregu ritos **são** infrações graves à ordem pública.

6) Sobre as seitas aberrantes de pseudo-sufi I. M. Lewis, **Ecstatic Religion, An Antropo Study of Spirit Possession and Shamanism,** Ha worth, Middlesex, Penguin Books, 1975. Especi pp. 104-148. O autor descreve inclusive o c seitas onde o papel do **iman** (líder da prece sempenhado por mulheres masculinizadas e esté cujas práticas satânicas têm como um de seus mais óbvios a separação dos casais.

7) Cf. René Guénon, **L'Erreur Spirite,** Paris tions Traditionelles, 1952 (Parte II, Cap. question du satanisme").

IV

1) Zakaria El-Berry, **Os Direitos Humanos no** trad. Samir El-Hayek, São Paulo, Centro Islâ Brasil, s/d, p. 30.

2) Cit. por Frithjof Schuon em **Comprendre l'** Paris, Le Seuil, 1976, p. 42.

3) O Concílio Vaticano I condenou e proibiu mente as teorias que fazem da fé um "sentimen go e irracional, surgido das profundezas do " ciente". A definição dada pelo Concílio f

alguém disser que Deus, um e verdadeiro, criador e Senhor nosso, por meio das coisas criadas não pode ser conhecido pela luz natural da razão, que **seja anátema (De Revel.,** can. 1). O Papa Pio X, em sua Encíclica **Pascendi Dominici Gregis** (1907), classificou os propagadores da teoria sentimental da fé como "homens de perverso dizer" (**At.,** 20:30), "vaníloquos e sedutores" (**Tit.,** 1:10), "que caídos em erro arrastam os demais ao erro" (II **Tim.** 3:3).

4) Cf. Alexandre Safran, **La Cábala,** trad. Carlos Ayala, Barcelona, Martinez Roca, 1976, pp. 51-125.

5) Cf. F. Schuon, "Ellipse et hyperbolisme dans la rhetorique arabe" em **Le Soufisme: Voile et Quintessence,** Paris, Devy-Livres, 1980, pp. 11 ss.

6) Al-Chazzali, **Le Tabernacle des Lumières,** trad. Roger Deladrière, Paris, Le Seuil, 1981, p. 40.

7) Djalal-ed-Din Rumi, **Fihi-ma-fihi (En esto lo que está en eso),** trad. M. Bonaudo, Buenos Aires, Ediciones del Peregrino, p. 103.

8) Cit. por El-Berry, p. 29.

9) El-Berry, op. cit., p. 30.

V

1) Gaston Georgel, **Les Quatre Âges de l'Humanité,** Milano, Archè, 1976, pp. 56-57.

VI

1) René Guénon, "Influence spirituelle et égrégores", em **Initiation et realisation spirituelle,** Paris, Éditions Traditionelles, 1975, pp. 64 ss.

2) A relativa eficácia dos ritos e práticas p religiosas e peudo- espirituais provêm aliás mente da energia psíquica coletiva "estoca objetos, lugares, símbolos, e pessoas. Já a c iniciação propriamente dita emprega não somente fonte de energia, mas também os "resíduos" de ções extintas, colhidos em templos antigos d o Espírito se retirou, deixando somente a " psíquica. (Daí o interesse das organizações iniciáticas pelas escavações arqueológicas e visitas a ruínas -- muito freqentes, por ex entre os gurdjieffianos e entre os seguidor Idries Shah). Em ambos os casos, o efeito, po espetacular que seja, é superficial e passagei ausência do fator de fixação representado influências propriamente espirituais, retirar -- para espanto e desilusão das crédulas víti tão logo se esgota a quantidade de energia psí que foi investida na operação. É o que acon por exemplo, com "curas miraculosas" que de um para cá se tornaram moda nos círculos de estud e pequenos letrados com interrese em "ocult Cf., a respeito, René Guénon, **Le Règne de la Q té,** Chap. XXVII, e também o que foi dito atrá presente volume, Cap. III.

3) Sobre a unidade e diversidade do Homem Univ -- ponto essencial para a compreensão do que es dizendo aqui, v. Seyyed Hossein Nasr, **Ideal Realities of Islam,** London, Unwin, 1979, p. 6 sobretudo Titus Burckhardt, "Introductions" à francesa de **La Sagesse des Prophetes,** de Mohi Ibn 'Araby, Paris, Albin Michel, 1974, pp. 10 s

4) Uma "experiência" desse tipo é efetivamente lizada pela organização Idries Shah, conforme mos observar pessoalmente e conforme declara me "manual" da seita, **O Sufismo no Ocidente,** Rio, vish, 1984, pp. 104 ss.

5) Sobre o narcisismo, v. o excelente artigo de Michel Lacroix, "Uma época sob o signo de Narciso", publicado no **O Estado de São Paulo,** em 13 de maio de 1984.

6) Nada de tergiversações a pretexto dos casos de pessoas "clinicamente mortas" que voltaram à vida, pois está claro que a morte em questão é reconhecida parcial e relativa.

7) Resguardadas certas diferenças semânticas, notadamente quanto à palavra "falha", comparar o que dissemos com o que diz Mário Ferreira dos Santos em sua bela **Ética Fundamental,** Logos, 1964, pp. 109-117.

8) Consultar, sobre o problema do Mal, o texto de Frithjof Schuon, "Dimensions of Omnipotence", em **Studies in Comparative Religion,** vol. XVI, n. 1-2, Winter - Spring, 1984, pp. 9-16 (reproduzido em **Tras las Huellas de la Religion Perenne,** trad. espanhola, Barcelona, Sophia Perennis, 1982).

9) Há um evidente perigo em sondar as tendências inferiores. Na mitologia grega, esse perigo é enfatizado quando Júpiter recomenda a Perseu que não olhe a Medusa (símbolo das forças inferiores) diretamente nos olhos, mas sim através do escudo que ele recebe do senhor do Olimpo. O escudo representa sempre as doutrinas e as preces, em seu aspecto protetivo.

10) Para uma explicação mais completa da meditação, v. Titus Burckhardt, **An Introduction to Sufi Doutrine,** trad. inglesa, London, Thorsons, 1976, Chap. 17, e Frithjof Schuon, "De la Méditation" em **L'Oeil du Coeur,** Paris, Dervy-Livres, 1974.

11) Cf. Frithjof Schuon, **Comprendre l'Islam,** Paris, Le seuil, 1976, pp. 103-123.

1) **A imagem do homem na astrologia,** Júpiter, 1981.

2) Frithjof Schuon, **De l'unité transcen réligions,** Paris, Le Seuil, reed. 197 tradução brasileira, **Da unidade transcen religiões,** São Paulo, Martins, s/d).

3) "Principial": termo cunhado por René **crise du monde moderne,** Paris, Gallimard, ra designar o que se refere ao mundo dos eternos e imutáveis, por oposição ao mundo festação.

4) As tentativas recentes de alguns anti nos Encontros de Royaumont, sob a chefia Morin e Massimo Piatelli-Palmarini, para tuir uma certa "unidade do homem" por variedade das culturas, além de constitu um tardio reconhecimento do óbvio por parte sempre o negou, é ainda um reconhecimento parcial, e baseado em razões puramente cont como as de ordem biológica, por exemplo.

70-CZ

FRANCISCO JUAN LAISSUE
LIVROS
Yoga Naturismo Maçonaria
ROSACRUCIANISMO TEOSOFIA
Praça Olavo Bilac, (Mercado das Flores) 28 Sobreloja 201
222-6298
RIO DE JANEIRO